



atos

do conselho superior

ano LX — julho-setembro de 1979

N. 293

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

ATOS DO CONSELHO SUPERIOR
DA SOCIEDADE SALESIANA

ANO LX — JULHO-SETEMBRO DE 1979 — N.º 293

Índice

1.	CARTA DO REITOR-MOR	3
2.	ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES:	
2.1	Conteúdos da disciplina religiosa	12
2.2	Preparação para o Sacerdócio ministerial	20
3.	DISPOSIÇÕES E NORMAS:	
	Comunicação da nomeação de um Diretor	26
4.	ATIVIDADE DO CONSELHO SUPERIOR:	
4.1	Da crônica do Reitor-Mor	27
4.2	O Vigário do Reitor-Mor	28
4.3	O Dicastério para a Formação	29
4.4	O Dicastério para a Pastoral Juvenil	30
4.5	O Dicastério para a Família Salesiana ...	31
5.	DOCUMENTOS E NOTÍCIAS:	
5.1	A nova Inspetoria de Bangalore	36
5.2	Nomeações de novos Inspetores	38
5.3	Pessoal missionário em 1978	38
5.4	Dez anos de "Solidariedade fraterna"	40
5.5	"Solidariedade fraterna": 28.ª relação ...	43
5.6	Levantamento estatístico do pessoal	46
5.7	Elenco de 1979: correções e atualizações	48
5.8	Irmãos falecidos	49
5.9	Necrológico (ordem cronológica)	51

1. CARTA DO REITOR-MOR

Vigília de Pentecostes de 1979.

Caríssimos,

Com os Apóstolos e Maria, na expectativa orante que caracteriza os dias que vão *da Ascensão a Pentecostes*, este ano o encerramento do mês de maio nos faz viver dias de contemplação na busca, dias de oração na esperança, dias de comunhão no mistério. É a *Igreja dos inícios*, pequena e sem experiência dos povos, mas com os seus melhores elementos e com o mais alto potencial de futuro.

Se é verdade que hoje somos todos chamados a viver um novo clima de Pentecostes, procuremos imitar a Maria e os Apóstolos na expectativa e na disponibilidade ao Espírito Santo.

Nos meus contatos, cada vez mais freqüentes, com os Irmãos de tantas Inspetorias, venço-me sempre mais de que a Congregação está a entrar em sintonia com esta hora privilegiada do Espírito do Senhor.

O nosso relançamento mariano e a lembrança sobre o Sistema Preventivo de Dom Bosco estão despertando um pouco por toda a parte iniciativas de recuperação em profundidade que abrem o coração à confiança.

O Santo Padre, na sua primeira encíclica "Redemptor Hominis", nos diz que "estamos também nós, de alguma maneira, no tempo de um novo Advento, que é tempo de expectativa" (RH 1), e nos pergunta: "o que será necessário fazer, para que este novo advento da Igreja, conjugado com o já iminente fim do segundo Milênio, nos aproxime d'Aquele que a Sagrada Escritura chama "Pai perpétuo", "Pater futuri saeculi?" (RH 7).

“Despertar a Aurora”

Tantos acontecimentos eclesiais recentes (a eleição dos dois sucessores de Paulo VI, o ministério dinâmico de João Paulo II, a Conferência episcopal de Puebla, além de vários eventos anteriores ligados ao Concílio Ecumênico Vaticano II e, para nós, também os dois últimos Capítulos Gerais e outras iniciativas da Família Salesiana), vão manifestando um processo global assaz positivo de retomada da vocação cristã e religiosa.

Nasce, destarte, no ânimo do crente um sentido espontâneo de júbilo que o faz repetir com o salmista: “Desperta, meu coração, harpa e lira, despertai! Possa eu a aurora despertar!” (Sl 56).

Há motivos para pensar que assistimos hoje na Igreja à aurora de uma nova época de genuinidade cristã e crescimento evangélico.

Mas a *hora dos inícios*, numa história da qual devemos participar como protagonistas, não se contenta simplesmente com uma atitude nossa de poetas a contemplar passivamente o que faz a natureza. Somos nós mesmos que, em sintonia com o Espírito do Senhor, somos chamados a “despertar a aurora”. Uma época nova na história não se reduz nunca a mera evolução, mas é *fruto de empenho*, ou seja, de vontade constante e decidida; cabe aos nossos esforços construí-la!

Para isso urge que, juntamente com a constatação das iniciativas de Deus e com a atração da novidade que envolve o nascimento de outra jornada original de vida eclesial, haja outrossim a consciência da nossa responsabilidade, a busca de uma metodologia de participação e uma programação realista e prática da nossa colaboração.

Uma estratégia de participação ativa

Para bem construir um avião seguro e veloz requer-se uma técnica sofisticada e precisa; para preparar convenientemente um astronauta exigem-se muitas qualidades pessoais, além de longo e rigoroso treinamento; para mudar as estruturas de uma sociedade é indispensável não só formular um projeto corajoso, mas ainda programar concretamente a sua realização e dedicar-se a ela com grandes sacrifícios;

para renovar o mundo e salvar o homem, a sabedoria divina inventou o mistério pascal, no qual há um lugar central para a renúncia de si mesmo até a morte. Não há salvação nem verdadeiro amor sem sacrifício; *não há renascimento eclesial sem livre aceitação da cruz*. O verdadeiro discípulo de Cristo contempla a aurora de um novo dia, não de uma poltrona mas do monte Calvário, preocupado, não em diminuir-lhe o encanto e a beleza, mas em assumir a responsabilidade que o leva a preencher com gestos de amor as subseqüentes horas de luz; é esta uma faina diária que exige luta e sacrifício.

Numa hora de inícios e de esperanças, como a nossa, é pedagogicamente indispensável focalizar nossa atenção sobre *um dado de fato sem o qual não poderemos ser protagonistas da novidade que nasce*. Trata-se de uma metodologia, indispensável ao amor cristão: a disciplina do espírito.

O empenho ascético, que é exercício de amor na renúncia e no sacrifício como dom de si, faz parte do mistério cristão de modo essencial; ele, além disso, caracteriza com um acento todo peculiar a própria natureza da Vida religiosa; não existe um só Instituto que haja desenvolvido o carisma do Fundador de uma disciplina concreta.

É necessária, pois, uma consciência clara de elemento tão prático, sobre o qual tanto insistiram os santos e do qual nos falou de maneira muito exigente também o nosso querido Fundador.

Dom Bosco cultiva diligentemente uma disciplina do espírito

Queria Dom Bosco que os seus Salesianos vivessem uma disciplina concreta de vida religiosa. Além da sua característica pedagogia do “trabalho” e da “temperança”, insistia na adesão livre e simples, mas concreta, às Constituições. “A observância das nossas regras custa fadigas” — escrevia ele próprio aos Irmãos numa circular de 1884 — (...) “Meus caros, queremos então ir de carruagem para o céu? Não foi para gozar que nos fizemos religiosos, mas para sofrer e conquistar méritos para a outra vida; não foi para mandar que nos consagramos a Deus, mas para

obedecer; não para apegar-nos às criaturas, mas para praticar a caridade para com o próximo, movidos só pelo amor de Deus; não para levar uma vida cômoda mas para ser pobres com Jesus Cristo, sofrer com Jesus Cristo na terra a fim de nos tornarmos dignos da sua glória no céu” (MB XVII 15-17).

E na sua primeira carta circular (que já lembramos em janeiro; cf. ACS n. 291), Dom Bosco insistia com muita clareza: “Primeiro objetivo da nossa Sociedade é a santificação dos seus membros. Por isso cada um na sua entrada se despoje de qualquer outro pensamento, de qualquer outra solicitude. Quem entrasse para desfrutar uma vida tranqüila, ter comodidades (...), visaria um fim distorcido que não seria mais o ‘sequere me’ do Salvador, uma vez que buscaria a própria utilidade temporal, não o bem da alma. (...) Nós colocamos como base a palavra do Salvador, que diz: (...) ‘Quem quiser ser meu discípulo (...) siga-me com a oração, com a penitência e sobretudo renuncie a si mesmo, tome a cruz das tribulações cotidianas e siga-me’ (...). Mas até quando segui-lo? Até a morte e, se fosse preciso, também a uma morte de cruz” (MB VIII 828-829).

Aos próprios meninos do Oratório, que Dom Bosco com grande visão sabia guiar à santidade, recomendava como estrada real a alegria intimamente ligada ao pleno cumprimento dos próprios deveres (cf. p. ex. o cap. 18 da “Vida de Domingos Sávio”).

E sabemos ue na sua práxis educativa, “embora sempre tão manso, Dom Bosco não passava facilmente por cima das faltas de disciplina” (MB VI 306).

Podemos lembrar ainda a sua severa advertência sobre o futuro da nossa Família: “Enquanto os Salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora se consagrarem à oração e ao trabalho, praticarem a temperança, e cultivarem o espírito de pobreza, as duas Congregações farão grande bem; mas se por desgraça diminuírem o fervor e fugirem a fadiga, e amarem as comodidades da vida, terão encerrado a carreira, começará para elas a parábola descendente, irão de encontro ao chão e esfacular-se-ão” (MB X 651-652).

E a forte expressão posta como fecho ao caderno das suas “Memórias”: “Quando começarem entre nós as como-

didades e o luxo, a nossa Pia Sociedade terá chegado ao fim” (MB X 652 nota 1).

Quis citar palavras tão admonitórias não decerto para iniciar aqui uma elegia desconsolada que, além do mais, estaria em contraste com quanto vim exprimindo desde o começo. É verdade que sempre há faltas a corrigir, e é sempre necessário que nos lembremos do significado da cruz na vida de fé, como ainda o da ascese e da disciplina na vida religiosa.

Novidade de empenho na disciplina religiosa

Entendo, pois, convidar-vos a refletir sobre o importante aspecto da “disciplina religiosa”, não porque alarmado por uma constatação de relaxamento e decadência, mas porque estimulado pela urgência de saber assumir logo e com inteligência os valores indispensáveis de uma ascese renovada.

As grandes mudanças atuais, mais que a infidelidade, parece haverem contribuído para eclipsar momentaneamente entre os religiosos o sentido profundamente evangélico de uma disciplina concreta de vida, quase como reação a uma espécie de moralismo formalista, a uma falta de sensibilidade do novo processo de personalização, a certa alienação dos grandes empenhos atuais de reforma da sociedade; e também como superestima do que há de positivo nos sinais dos tempos, sem se preocupar com perceber-lhe as ambigüidades e sem dar relevo às graves desorientações provocadas por uma moda secularista, sobre cujo horizonte rasteiro já não aparece o perfil da cruz.

De semelhante reação pode facilmente derivar também o relaxamento, como triste conseqüência de uma mentalidade defasada que tem urgente necessidade de conversão. De fato, a história e a experiência nos ensinam que a Vida religiosa recobra vigor precisamente quando nela renasce a consciência e a prática, tanto pessoal quanto comunitária, do tipo de disciplina ascética querida pelo Fundador.

O Papa Paulo VI dizia aos membros de um Capítulo Geral: “O amor à disciplina, que um deformado conceito do termo quereria apresentar hoje como limitação, e não, ao invés, como garantia e sustentáculo do apostolado,

ampare, como rocha que jamais esboroa, os ideais da oração, da vida religiosa e da atividade de ministério e de formação” (28 de agosto de 1974, ao CG dos Rogacionistas).

“A união faz a força, mas a disciplina faz a união”! já havia dito Pio XI ao falar da importância da co-responsabilidade e da capacidade de colaboração (12 de junho de 1929, à Federação Nacional Católica Francesa).

Para que se possa recobrar cada vez mais na Congregação o vigor da vocação e a intensidade da comunhão é preciso que nos dediquemos a verificar e renovar a prática da disciplina salesiana de Dom Bosco. Para uma ajuda de reflexão prática pedi ao “meu colaborador mais próximo”, o querido P. Scrivo, Vigário Geral, ao qual “está confiado o cuidado e a responsabilidade da vida e da disciplina religiosa” (Const. 138) que especificasse algumas exigências dessa nossa disciplina construtiva que mais substanciais se mostrem na hora presente.

Por isso mesmo que queremos contribuir para o êxito de um belo dia preanunciado pela aurora atual é que urge fazer com que recobrem peso e força entre nós certos valores ascéticos da nossa profissão religiosa.

Podemos trazer à memória, como testemunho profético de atualidade, o autorizado apelo à disciplina, na vida da Igreja, lançado pelos dois novos Pontífices.

João Paulo I dela falou explicitamente no seu primeiro discurso aos Cardeais e depois, outra vez, ao Clero romano. Não aludia ele a uma “pequena disciplina” de formalidades, mas sim à “grande disciplina”. Ela “existe somente quando a observância externa é fruto de convicções profundas e projeção livre e alegre de uma vida vivida intimamente com Deus. (...) Esta) grande disciplina requer um clima adequado” (Oss. Rom. 8.9.1978).

E João Paulo II, na sua radiomensagem inaugural, volta a inculcar o mesmo conceito. “Fidelidade significa, ainda, culto da grande disciplina da Igreja. (...) A disciplina, com efeito, não tende a mortificar, mas a garantir o reto ordenamento próprio do Corpo místico, como para assegurar a articulação regular e fisiológica entre todos os membros que o compõem” (Oss. Rom. 18.10.1978).

Somos “Discípulos”

Caríssimos, o significado profundo (não só etimológico) da disciplina está ligado afinal ao conceito de “discípulo”. A nossa disciplina religiosa pertence de uma parte ao propósito radical da *seqüela de Cristo* e de outra, ao projeto histórico assumido livre e publicamente com o ato da profissão, pelo qual escolhemos *ficar com Dom Bosco*, segundo as Constituições da Sociedade de S. Francisco de Sales (Cf. Const. 73 e 74).

Ser discípulo de Cristo, na Vida religiosa, comporta uma adesão iluminada ao mistério pascal da cruz, consolidada por um projeto concreto de existência elaborado pelo Fundador e testemunhado tanto por ele como pela tradição viva do próprio Instituto: *implica, pois, também, para nós, sermos discípulos de Dom Bosco*. Trata-se, aqui, de um tipo carismático de disciplina que nos faz ouvir e seguir o nosso Santo como Mestre e Guia não só nos vastos objetivos da sua missão, mas também nas exigências das diretrizes práticas do seu “estilo particular de santificação e de apostolado” (MR 11) que encarna na Igreja um Carisma específico do Espírito Santo.

Razões não faltam para valorizar essa maneira de ser discípulos.

Primeiramente a Sagrada Escritura, ao apresentar-nos o tema da Aliança — e a a *intimidade com Deus*, que é a alma da aliança e ajuda a plasmar no homem um coração novo; e a *prática dos mandamentos*, como resposta existencial e medida concreta de adesão à aliança. O centro vital da aliança é constituído pela “amizade”, mas é acompanhado e defendido pela “lei” à maneira de pedagogo.

A disciplina aparece, então, como a pedagogia de uma liberdade historicamente empenhada num amor de aliança. Em tal esquema, é igualmente verdade que uma observância sem amor não tem vida; mas também que um amor sem observância é falso.

Lembremos as palavras de S. João: “Eis como sabemos que o conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos. Aquele que diz conhecê-lo e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso e a verdade não está nele. Aquele, porém,

que guarda a sua palavra, nele o amor de Deus é verdadeiramente perfeito” (1 Jo 2,3-4).

Na encíclica “Redemptor Hominis” encontramos uma razão. Nela o Santo Padre insiste sobre a *centralidade que têm na vida da Igreja a Eucaristia e a Penitência*.

Pois bem: a *Eucaristia* exprime o ápice do mistério da aliança pascal nas palavras consecratórias que proclamam o sentido máximo do amor, “isto é o meu corpo e este é o meu sangue dado por vó”: portanto, o sacrifício de si mesmo aos outros.

A *Penitência*, por sua vez, é o sacramento da conversão a uma ascese que exige arrependimento e purificação do coração: convertei-vos e crede no Evangelho! “Sem esse constante e sempre renovado esforço pela conversão — diz o Papa —, a participação na Eucaristia ficaria privada da sua plena eficácia redentora” (RH 20). A Penitência comporta, juntamente com a verificação humilde das próprias faltas, o propósito prático de uma conduta de discípulo.

Com razão, pois, o Papa afirma “que a Igreja do novo Advento, a Igreja que se prepara continuamente para a nova vinda do Senhor, tem de ser a Igreja da Eucaristia e da Penitência” (RH 20).

Outra razão, que não se deve subestimar, é que *os próprios jovens, aos quais somos enviados, têm necessidade do nosso testemunho de disciplina religiosa*, tanto pessoal como comunitária, como de um sinal evidente e tangível da nossa missão eclesial a serviço deles. Do nosso modo de viver possam induzir que o *batismo* é para nós um empenho radical de luta espiritual que nos encaminha, como discípulos de Cristo, para o martírio como expressão suprema do dom de si aos outros, e que a *profissão religiosa* nos incorporou a uma comunidade orgânica e apostólica que realiza na Igreja um projeto comprovado de serviço pedagógico. O olho atento e penetrante do educando descobre facilmente que a presença de uma sábia disciplina deve impregnar todo o processo educativo de tal modo que o “ser formado” comporta de per si “ser disciplinado”; a disciplina, com efeito, acompanha o homem maduro como uma qualidade definitiva que lhe assegura a harmonia e o domínio dos seus dotes e energias.

A necessidade de ver o testemunho de uma disciplina equilibrada e livre, que reforce a convivência na comunhão e multiplique a eficácia de um empenho de serviço, é particularmente sentida na sociedade atual, jogada de um extremo a outro do totalitarismo à anarquia.

· Enfim, como *motivação terapêutica*, se se quiser evitar de veras o “mal obscuro do individualismo”, do qual falou o nosso benemérito P. Ricceri numa circular de 1977 (ACS 286, abril-junho de 1977). O individualismo vive estreitamente ligado à indisciplina e é um câncer que anula na raiz a possibilidade de renovação da Vida religiosa. Urge, pois, saber transfundir na conduta diária as riquezas concretas da obediência religiosa e recuperar o significado realista do voto correspondente; eles aportam logicamente nas exigências práticas da disciplina religiosa, imitando e seguindo concretamente aquele Cristo que “foi obediente a Deus até à morte, e à morte de Cruz” (Flp 2,8). O aburguesamento e a dissolução individualista da comunidade são fruto de uma carência de disciplina vinculada ao esquecimento do mistério pascal.

Queridos Irmãos. Na conclusão da sua primeira encíclica o Papa exprime caloroso e humilde convite à oração: “Suplico a Maria, celeste Mãe da Igreja, sobretudo, que nesta oração do novo Advento da humanidade, Ela se digne de perseverar conosco” (RH 22).

Pois bem: Ela que viveu com alegria a mais bela aurora da história da salvação, e abraçou com generosidade a difícil disciplina do seu ministério de mãe de Cristo até ao ponto de com ele subir o Calvário, demonstrou-nos também com o seu testemunho pessoal que o maior amor passa somente por esse caminho. Peçamos-lhe com confiança que nos acompanhe, qual Auxiliadora da nossa vocação de aliança, ajudando-nos a intensificar e renovar seja a intimidade da nossa amizade com Deus, seja a vontade prática de empenho da nossa disciplina religiosa.

Saúdo-vos a todos e peço-vos que completeis as minhas reflexões sobre a disciplina religiosa com o aprofundamento das particularizações práticas apresentadas pelo P. Scrivo.

Dom Bosco nos obtenha luz e coragem!

Fraternalmente.

P. EGÍDIO VIGANÓ

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 O VIGÁRIO DO REITOR-MOR:

OS CONTEÚDOS DA DISCIPLINA RELIGIOSA

Convidado pelo Reitor-Mor a “especificar na prática” algumas exigências da disciplina religiosa que parecem mais substanciais na hora atual, julgo oportuno apresentar os “conteúdos” mais significativos que dão consistência concreta — tão apreciada por Dom Bosco — à nossa disciplina religiosa.

1. *Fidelidade à Igreja.* Como salesianos, vemos na Igreja, povo de Deus, a comunhão de todas as forças que trabalham para a salvação, seu centro de unidade e de animação. Em particular devemos ter veneração e adesão especial ao sucessor de Pedro, para com os Bispos sincera caridade e obediência... Colaboramos sempre com a preocupação de que o Corpo de Cristo cresça; reconhecemos como supremo superior o Sumo Pontífice; acolhemos com docilidade seu magistério e ajudamos os jovens e os fiéis a aceitar-lhe os ensinamentos (cf. Const. 44 e 128).

Esses dois artigos constitucionais fixam de maneira inequívoca um primeiro conteúdo da nossa disciplina religiosa. O Reitor-Mor iluminou-o de maneira autorizada e incisiva, ao encerrar a discussão sobre o segundo documento do CG21: “Penso se deva recuperar um pressuposto vital e uma intuição global, digamos assim, de *hermenêutica salesiana*, que precede e guia a capacidade crítica e a análise reflexiva; é uma atitude de virtude, uma inclinação conatural do nosso espírito peculiar, que comporta uma emblemática experiência de fé no mistério de Pedro; ela foi vivida fortemente por Dom Bosco, e vimo-la arraigada permanentemente na nossa tradição como uma das colunas da tríade espiritual do Salesiano: a Eucaristia como centro da família, o aspecto mariano da nossa espiritualidade apostólica, e o

realismo eclesial de adesão sobrenatural consciente e operosa ao Papa” (CG21 228).

Aludo apenas a alguns setores nos quais o nosso empenho de fidelidade à Igreja é hoje particularmente significativo, como resulta de recentes documentos do Magistério.

Na sua primeira Encíclica, “Redemptor hominis”, João Paulo II, após haver lembrado que “é uma verdade essencial, não só doutrinal mas também existencial, que a Eucaristia constrói a Igreja, e constrói-a como autêntica comunidade do Povo de Deus” acrescenta: “Se bem que seja verdade que a Eucaristia foi sempre e deve ser ainda agora a mais profunda revelação e celebração da fraternidade humana dos discípulos e confessores de Cristo, ela não pode se considerada simplesmente como uma *ocasião* para se manifestar uma tal fraternidade. No celebrar o Sacramento do Corpo e do Sangue do Senhor, é necessário respeitar a plena dimensão do mistério divino... Daqui deriva o dever de uma rigorosa observância das normas litúrgicas e de tudo aquilo que testemunha o culto comunitário rendido ao mesmo Deus, tanto mais que Ele, neste sinal sacramental, se nos entrega com confiança ilimitada, como se não tivesse em consideração a nossa fraqueza humana, a nossa indignidade, os nossos hábitos, a rotina ou até mesmo a possibilidade de ultraje”. (RH 20).

O convite do CG21 a renovar a nossa oração com “a abertura para uma equilibrada espontaneidade e criatividade, quer pessoal, quer comunitária, para superar o perigo da rotina e para satisfazer o desejo de maior autenticidade” (n. 45) não pode evidentemente justificar “improvisações, banalidades, leviandades, mas deve executar-se e estar de acordo com o dever da plena observância das normas litúrgicas a que nos incita o Papa.

Na mesma Encíclica lembra-se ainda outro aspecto fundamental da ascese cristã: “Na Igreja... deve estar viva a necessidade da penitência... Cristo, que convida ao banquete eucarístico, é sempre o mesmo Cristo que exorta à penitência, que repete o ‘convertei-vos’... Nos últimos anos muito se fez para pôr em evidência — em conformidade, aliás, com a mais antiga tradição da Igreja — o aspecto comunitário da penitência e, sobretudo, do sacramento da

Penitência na prática da Igreja. Estas iniciativas são úteis e servirão certamente para enriquecer a práxis penitencial da Igreja contemporânea. Não podemos esquecer, no entanto, que a conversão é um ato interior de uma profundidade particular, no qual o homem não pode ser substituído pelos outros, não pode fazer-se *substituir* pela comunidade... A Igreja, pois, ao observar fielmente a plurissecular prática do Sacramento da Penitência — a prática da confissão individual, unida ao ato pessoal de arrependimento e ao propósito de satisfação e emenda — defende o direito particular da alma humana. É o direito a um encontro mais pessoal do homem com Cristo crucificado que perdoa, com Cristo que diz, por meio do ministro do sacramento da Reconciliação: 'São-te perdoados os teus pecados'; 'Vai e doravante não tornes a pecar'. Como é evidente, isto é ao mesmo tempo o direito do próprio Cristo em relação a todos e a cada um dos homens por Ele remidos. É o direito de encontrar-se com cada um de nós naquele momento-chave da vida humana, que é o momento da conversão e do perdão. A Igreja, ao manter o sacramento da Penitência, afirma expressamente a sua fé no mistério da Redenção, como realidade viva e vivificante, que corresponde à verdade interior do homem, à humana culpabilidade e também aos desejos da consciência humana. 'Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados'. O sacramento da Penitência é o meio para saciar o homem com aquela justiça que provém do mesmo Redentor... É certo que a Igreja do novo Advento, a Igreja que se prepara continuamente para a nova vinda do Senhor, tem de ser a Igreja da Eucaristia e da Penitência. Somente com este perfil espiritual da sua vitalidade e atividade, ela é a Igreja da missão divina, a Igreja *in statu missionis*, conforme nos foi revelado o rosto dela pelo II Concílio do Vaticano" (RH 20).

Encontramos nessas palavras do Papa excepcional densidade de motivações para acolhermos a orientação prática do CG21: "Cada Salesiano renove o seu empenho de fidelidade ao sacramento da Reconciliação" (n. 60) e para melhor colhermos o valor da *pedagogia da Penitência* característica de Dom Bosco, que garante "a continuidade entre o estilo de aproximar-se do jovem, no mesmo processo educativo,

e o que consegue estabelecer no momento sacramental” (CG21 93).

Sobre o tema da nossa fidelidade à Igreja merece ainda particular atenção o documento comum da S. Congregação para os Religiosos e Institutos Seculares e da S. Congregação para os Bispos “Mutuae relationes”. Após uma primeira parte de breve síntese doutrinal, são dadas diretrizes e normas, voltadas sobretudo para a prática. Não podemos ignorá-las nem desatendê-las, dado que — como afirma o art. 33 das Constituições “nossa missão realiza-se dentro e a serviço das Igrejas locais. Inserimo-nos, com um trabalho especializado, na pastoral de conjunto, que tem no Bispo seu primeiro responsável e nas diretrizes das Conferências Episcopais sua organização em esfera mais ampla. Uma das principais leis de nossa ação é, pois, colaborar com os diversos organismos de apostolado e de educação”.

Transcrevo do “Mutuae relationes” duas normas que me parecem mais pertinentes no contexto do nosso tema. “Para que as relações entre os Bispos e os Superiores dêem dia a dia frutos mais abundantes, devem transcorrer sempre num atencioso respeito das pessoas e dos Institutos, na convicção de que os Religiosos devem dar testemunho de docilidade ao Magistério e de obediência aos Superiores, e na vontade recíproca de não invadir os respectivos limites de competência.

Quanto aos Religiosos que exercem atividade apostólica fora das obras do próprio Instituto, é necessário resguardar a participação substancial na vida de comunidade e a fidelidade às próprias Regras ou Constituições: os mesmos Bispos não omitem de urgir esta obrigação. Nenhum compromisso apostólico deve ser ocasião de deflectir da própria vocação” (MR 45,46).

2. *As Constituições.* Rejeitando a acusação injustificada de juridicismo e superando uma difundida alergia a quanto possa aparecer “normativo”, devemos convencer-nos de que o futuro da nossa existência religiosa está vinculado às Constituições, não como a um conjunto de receitas fáceis, mas como a um caminho que conduz ao Amor. Haveremos de adquirir um sentido vivo e autêntico das Constituições na medida em que as olharmos numa tríplice perspectiva, que nos faz perceber-lhes claramente o papel insubstituível.

Numa perspectiva *evangélica*, as Constituições contêm uma “leitura salesiana do Evangelho” da qual deriva uma maneira salesiana e um caminho seguro para vivê-lo: “Dóceis ao Espírito Santo e atentos aos sinais que Ele nos dá através dos acontecimentos, tomamos o Evangelho como regra suprema de vida, as Constituições como caminho seguro” (Const. 91). Constituem elas um instrumento específico para nós, a fim de interpretarmos retamente a vontade de Deus nos múltiplos sinais em que se manifesta, sinais que não são sempre de fácil e clara leitura (cf. CGE 630).

Em perspectiva *carismática*, as Constituições derivam de um dom do Espírito Santo que quis enriquecer a Igreja com o carisma de Dom Bosco Fundador. São, pois, o parâmetro da nossa identidade, enquanto delineiam com autoridade e certeza a fisionomia própria da nossa vocação.

O Reitor-Mor, no seu discurso de encerramento do CG21, assim se exprimiu: “(As Constituições) precedem em valor vocacional e julgam as nossas multiformidades; são uma Plataforma de unidade, que determina com precisão o espírito e os objetivos comuns e delimita o serviço tanto da autoridade como das iniciativas da criatividade. Somente a Santa Sé, o CG e o Reitor-Mor com o seu Conselho podem interpretar autenticamente as Constituições (cf. Const. 199); não seria, portanto, legítimo um pluralismo que se lhes antepusesse em valor vocacional ou quisesse manipulá-las neste ou naquele sentido, segundo a mentalidade mais em moda” (CG21 581).

Em perspectiva *eclesial*, as Constituições indicam e defendem os componentes essenciais da nossa missão na Igreja. O projeto apostólico de Dom Bosco nasceu por iniciativa divina. “A Igreja reconheceu a ação de Deus, sobretudo ao aprovar as nossas Constituições e ao canonizar o Fundador” (Const. 1). As Igrejas locais nas quais trabalhamos esperamos que nos insiramos vitalmente nelas para nelas tornar presente o testemunho próprio dos filhos de Dom Bosco: “ser, em estilo salesiano, sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres” (Const. 2).

Uma inserção que viesse a perder essa orientação seria a deformação da nossa identidade e ao mesmo tempo empobrecimento para a própria Igreja local.

Nessa tríplice perspectiva, o CG21 afirma: “Viver as Constituições — para cada Salesiano — é um ato de fé em Jesus Cristo e no seu Evangelho, um empenho de fidelidade a uma vocação recebida como dom na Igreja...” (CG21 378).

Por ocasião do Centenário da aprovação das nossas Constituições, o P. Ricceri escreveu uma carta que é mais atual do que nunca: remeto a ela para uma síntese do pensamento de Dom Bosco e dos seus sucessores sobre a Regra (ACS 279, abril-junho de 1974).

Concluo aqui com as palavras de Dom Bosco: “Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro com a exata observância das nossas Constituições” (MB XVII 258).

3. *Os Regulamentos gerais.* É evidente que as Constituições não podem prever todas as situações e problemas que a vida, no seu dinamismo histórico, põe continuamente a um religioso e a uma comunidade. A esse dado de fato — dentro dos limites realistamente possíveis — costumam responder os Regulamentos gerais. Que eles entrem nos conteúdos da disciplina religiosa, deduz-se claramente do n. 381 do CG21: “Os Regulamentos Gerais representam o conjunto das disposições que traduzem em normas adaptadas às situações mutáveis os elementos gerais da *Regra de vida*. Eles contêm por isso *as aplicações concretas e práticas de interesse universal das Constituições, válidas portanto para serem praticadas em toda a Congregação...* Do ponto de vista jurídico os Regulamentos formam com as Constituições um único corpo vinculatório, enquanto participam da mesma características de lei, embora pela matéria que contêm ou pela vontade explícita do legislador possam ter um caráter obrigatório diverso” (CG21 381).

4. *As decisões dos Superiores nas respectivas esferas de competência.* É o último conteúdo da disciplina religiosa a que desejo aludir. Dom Bosco quis uma Congregação na qual cada um estivesse “disposto a fazer grandes sacrifícios... não de saúde, nem de macerações e penitências, nem de abstinência extraordinárias na alimentação, mas de vontade” (MB VII 47: discurso de Dom Bosco aos primeiros colaboradores).

Por outra parte escreve o P. Caviglia: “Sei que posso afirmar que Dom Bosco, embora exigisse uma disciplina amorosa de cristão e de religioso, respeitou — no máximo grau com ela compatível — a vontade dos seus e das suas idéias, deixando, diria, muito e muito espaço ao redor de cada pessoa” (Don Bosco: p. 169 e 25).

O CGE no documento 12 delineou a renovação da obediência salesiana hoje na base das indicações conciliares, em resposta aos sinais dos tempos e na linha do pensamento e maneira de fazer de Dom Bosco. Não faltaram, porém, interpretações tendenciosas, deduções arbitrarias, incertezas sobre algumas formulações daquele documento e de alguns relativos artigos constitucionais e outras deficiências de natureza prática.

No seu trabalho de verificação, o CG21, ao tratar da obediência, refere-se à Relação do Reitor-Mor, P. Ricceri: “Há nos Irmãos grande disponibilidade: a enorme maioria dos salesianos, mesmo em casos de obediências que por vezes se tornam heróicas..., demonstra uma disponibilidade edificante, feita de amor e de fé. Aproveito a ocasião para exprimir a esses generosos Irmãos toda a gratidão da Congregação. Enquanto houver homens assim nas nossas fileiras, podemos olhar para o futuro com esperança e confiança”. (RRM 122).

O Capítulo todavia reconhece que “há também deficiências: falhas e desvios que se encontram mais no plano da prática do que no das idéias. Observa-se, de fato, certa insensibilidade para com a solidariedade operativa, a tendência desorientadora de trabalhar sozinho e de acordo com linhas individualistas, a sensação de que o agir em comunidade seja um freio e um empecilho. Releva-se também a incompreensão da mesma natureza evangélica da autoridade e de seus encargos na comunhão fraterna. A credibilidade do testemunho requer que se viva a substância da fé como obediência a Deus e participação pessoal da morte e vida de Cristo, e se reconheça a urgência das mediações para se chegar até Ele: a mediação da Igreja, dos homens, da fraternidade. E isto no espírito e nas formas renovadas do relacionamento da vida comunitária e de obediência, no diálogo, na co-responsabilidade e na colaboração em todos os níveis” (CG21 41).

Tendo em conta tal situação, o Capítulo Geral julgou oportuno repetir e esclarecer quanto já havia dito o CGE sobre a obediência religiosa hoje. Fê-lo em duas ocasiões. Primeiro no documento fundamental "Os Salesianos evangelizadores dos jovens", quando especifica o papel do diretor na animação da comunidade para a evangelização, estabelecendo também uma ordem de prioridades nas funções confiadas ao Diretor: servidor da unidade e guarda da identidade salesiana; guia pastoral da missão salesiana, exercendo o triplice ministério de mestre da Palavra, santificador através dos Sacramentos e coordenador da atividade apostólica; orientador dos empenhos de educação humana confiados à sua comunidade no setor pedagógico e escolar, cultural, social e associativo; primeiro responsável pela gestão global da obra (economia, estrutura, disciplina, relações públicas, construções) (cf. CG21 52). Para tais tarefas "possui sem dúvida verdadeira autoridade religiosa em relação a todos os seus irmãos" (CG21 54).

"Por sua parte, cada Irmão demonstrará concretamente o seu desejo de *agir em comum*, participando ativamente e de acordo com sua função nas iniciativas propostas para a animação comunitária, em espírito de co-responsabilidade, superando atitudes de absenteísmo e passividade. É a participação ativa e a co-responsabilidade de todos que asseguram uma animação orgânica à comunidade, para que possa maturar unida o *projeto de vida professado*. No caso em que, mesmo depois de um diálogo franco e paciente, persistissem contrastes entre pontos de vista pessoais e as decisões do Superior, o Irmão aceitará a obediência com a disposição de homem adulto na fé, recordando o exemplo de Cristo obediente por causa do Reino" (CG21 57).

Essas orientações levaram o Capítulo, em outra ocasião, a reformular o artigo 94 das Constituições (CG21 392), a fim de melhor salientar, tanto a importância da co-responsabilidade, quanto o serviço da autoridade. "Isso — comentava o Reitor-Mor no discurso de encerramento — nos ajudará a lembrar que não fizemos o voto de obediência à Comunidade, mas ao Superior, ao qual nos submetemos em espírito de fé" (CG21 580).

O que aqui se diz do Diretor, parece-me óbvio se deva aplicar analogamente ao papel do Inspetor em relação à Comunidade Inspetorial.

A nível de toda a Congregação baste citar dois pensamentos fundamentais de Dom Bosco. No seu testamento espiritual lemos: "O vosso Reitor já não vive, mas será eleito outro que cuidará de vós e da vossa eterna salvação. Ouvi-o, amai-o, obedecei-lhe, rezai por ele, como fizestes para comigo". Numa importante conferência aos Diretores, após a apresentação do primeiro texto das Constituições, assim se exprimia: Colaborem todos com o Reitor-Mor, apoiem-no, ajudem-no de todas as maneiras, reúnam-se todos ao seu redor como um centro único", e logo acrescenta: "O Reitor-Mor tem as Regras; delas jamais se afaste, de outra sorte o centro não será mais único mas dúplice, isto é, o centro das Regras e o da sua vontade. É preciso, ao contrário, que Regras e o Reitor-Mor sejam como a mesma coisa" (MB XII 81).

Dom Bosco demonstra assim verdadeira "paixão" pela unidade: entre o seu carisma de Fundador, o Reitor-Mor e as Constituições ele estabelece uma identificação que garante um centro vital de unidade para toda a Família Salesiana.

P. CAETANO SCRIVO

2.2 O CONSELHEIRO PARA A FORMAÇÃO:

PREPARAÇÃO AO SACERDÓCIO MINISTERIAL:

A COLOCAÇÃO DOS MINISTÉRIOS

Parece-me útil chamar rapidamente a atenção, sobretudo dos Conselhos Inspetoriais e das Comunidades Formadoras, sobre a etapa da colação dos Ministérios do Leitorado e do Acolitado para os candidatos ao sacerdócio.

Mostram os certificados que chegam à nossa Secretaria Geral que não se dá muitas vezes a devida importância a tais Ministérios. Isso porque se trata de uma colação simultânea ou muito perto do Diaconato, e até mesmo da omissão delas em alguns casos.

Será útil, talvez, recordar o significado dos dois ministérios e as prescrições da Igreja a respeito do assunto.

1. A disciplina atual da Igreja

Desde 1.º de janeiro de 1973 acham-se em vigor na Igreja de rito latino as normas contidas nas duas Cartas Apostólicas *Ministeria Quaedum* e *Ad Pascendum* (nas quais se trata do Leitorado e do Acolitado em geral e da sua colação aos candidatos ao Diaconato e Presbiterato), e os relativos ritos litúrgicos publicados pela Sagrada Congregação para o Culto Divino em 3 de dezembro de 1972. É preciso ater-se a esses documentos.

2. O significado desses ministérios

O significado dos ministérios do Leitorado e do Acolitado torna-se inteligível na *dimensão ministerial* da Igreja: comunidade, comunhão e co-participação para servir na caridade e no anúncio evangélico à santificação de todos. Quem os recebe deve estar cõscio do seu valor; amadurecem e nutrem-se mediante constante esforço ascético, porque ao ofício e à graça recebidos deve corresponder um coerente testemunho de vida: 'conhecer o que se faz, imitar o que se trata'; "o exercício do ministério vos estimule a uma vida espiritual cada vez mais intensa" (1).

Os ministérios são conferidos como *tarefa e missão a cumprir realmente dentro das comunidades e da Igreja*. Não devem absolutamente reduzir-se a títulos honoríficos, ou a momentos episódicos na vida de um cristão, ou a serviços justificados apenas pela necessidade de uma organização, ou a *meros passos obrigatórios, sem eficácia operativa, antes do Diaconato ou Presbiterato*.

(1) Cf. *Rito da Instituição dos Acólitos*, Editio Typica (Tip. Polyglotta Vaticana, 1972).

3. Normas e diretrizes

31. *Em geral*

Na reforma ⁽²⁾, para a Igreja de rito latino, mantêm-se e adotam-se apenas duas das Ordens Menores anteriores, isto é, o Leitorado e o Acolitado: determina-se, pois, que não se dê mais a Tonsura nem o Subdiaconato (as funções dessa última ordem são atribuídas ao Leitor e ao Acólito); que tais 'ofícios comuns' da Igreja latina não se chamem mais 'Ordens Menores'; que, por isso, sua colação não se denomine mais 'Ordenação' mas 'Instituição'; que seja 'clérigo', e como tal reconhecido, somente quem tiver recebido o Diaconato ⁽³⁾.

32. *Encargos e deveres anexos ao Leitorado e ao Acolitado*

321. "O Leitor é constituído para a função que lhe é própria: ler a Palavra de Deus nas assembléias litúrgicas. Por isso mesmo, na Missa e nos outros atos sagrados será ele a fazer as leituras da Sagrada Escritura (à exceção, porém, do Evangelho); na falta do salmista, será ele também a recitar o salmo entre as leituras; ademais, será ele a apresentar as intenções da oração universal dos fiéis quando não houver diácono ou cantor à disposição. Cabe-lhe ainda dirigir o canto, orientar a participação do povo fiel e instruir os fiéis para uma recepção digna dos Sacramentos. Poderá, além disso, na medida em que for necessário, ocupar-se da preparação de outros fiéis, os quais, por encargo temporário, devam ler a Sagrada Escritura nos atos litúrgicos" ⁽⁴⁾. Meditar com assiduidade a Sagrada Escritura, amá-la intensamente e conhecê-la são os deveres principais do Leitor ⁽⁵⁾.

322. "O Acólito é constituído para ajudar o diácono e servir ao sacerdote. É sua tarefa, portanto, cuidar do serviço do altar, auxiliar o diácono e o sacerdote nos atos litúrgicos, sobretudo na celebração da santa Missa; distribuir, como

(2) Paulo VI, *Motu Proprio Ministeria Quaedam Editio Typica* (Tip. Poliglotta Vaticana, 1972) Introd.

(3) *ib.*, I, II, IV.

(4) *ib.*, V

(5) *ib.*

ministro extraordinário, a Sagrada Comunhão nos seguintes casos: todas as vezes que os ministros de que se trata no cânone 845 do Código de Direito Canônico faltarem ou não o puderem fazer por motivo de doença, de idade avançada ou de exigências do ministério pastoral; todas as vezes que o número de fiéis que se aproximam da Sagrada Mesa for tão elevado que possa vir a ocasionar uma demora demasiada da Missa. . .” (6). É dever do Acólito esforçar-se por participar “com piedade sempre mais ardente na Santíssima Eucaristia”; “alimentar-se dela” e adquirir dela “conhecimento sempre mais profundo” (7). Tal conhecimento deve estener-se a “todas as noções que dizem respeito ao culto divino” e ao seu “significado íntimo e espiritual”. Dessa maneira “poderá oferecer-se cada dia a si próprio completamente a Deus, e ao mesmo tempo ser para todos de bom exemplo pela sua atitude grave e respeitosa. Por fim, deve ter a preocupação de se mostrar presente, com amor sincero, no Corpo Místico de Cristo, ou Povo de Deus, sobretudo junto dos fracos e dos doentes” (8).

33. *Obrigatoriedade do Leitorado e Acolitado*

331. No que concerne à obrigatoriedade da colação dos ministérios do Leitorado e Acolitado aos candidatos ao Diaconato e ao Presbiterato, o Motu Proprio “*Ministeria Quaedam*” afirma: “Os candidatos ao Diaconato e ao Presbiterato devem receber os ministérios do Leitor e do Acólito, caso já não o tenham feito, e exercê-los por conveniente período de tempo, a fim de que melhor se disponham para os futuros serviços da palavra e do Altar” (9).

O Motu Proprio “*Ad Pascendum*” torna ainda mais explícita a finalidade prevalentemente pedagógica (espiritual-ascética-litúrgica) do exercício do ministério do Leitorado e do Acolitado por parte dos candidatos ao Diaconato e ao Presbiterato. “Convém que os ministérios de leitor e de acólito sejam confiados àqueles que desejem consagrar-se

(6) ib, VI

(7) ib

(8) ib

(9) ib, XI; Cf. Paulo VI, *Motu Proprio Ad Pascendum*. Editio Typica, (Tip. Poliglotta Vaticana, 1972) II.

especialmente a Deus e à Igreja enquanto candidatos à ordem do Diaconato e do Presbiterato. A Igreja, na verdade, por isso mesmo que não deixa nunca de tomar o pão da vida, da mesa tanto da palavra de Deus quanto do Corpo de Cristo, e de o distribuir aos fiéis 'julga ser muito oportuno que os candidatos às Ordens Sacras, quer com o estudo, quer com o exercício gradual do ministério da Palavra e do Altar, através de um contato íntimo meditem esse duplo aspecto da função sacerdotal e se familiarizem com ele. Disso resultará a autenticidade do seu ministério, que lhe dará também grande eficácia. Os candidatos então aproximem-se das ordens sacras plenamente conscientes da própria vocação, fervorosos no espírito, desejosos de servir ao Senhor, dispostos a perseverar na oração e generosos no prover as necessidades dos santos" (10).

332. *Tenha-se, pois, presente que para os candidatos ao Diaconato e ao Presbiterato:*

— A colação dos ministérios de Leitor e de Ocolito é uma obrigação, sendo a dispensa deles reservada à Santa Sé (11);

— tais ministérios devem ser "exercidos por conveniente período de tempo, a fim de melhor se disporem para os futuros serviços da Palavra e do Altar" (12);

— o exercício por um "tempo conveniente" implica que "entre a colação do Leitorado e do Acolitado devem ser respeitados os interstícios estabelecidos pela Santa Sé ou pelas Conferências Episcopais" (13). A mesma coisa exige-se "entre o Acolitado e o Diaconato" (14). Conferir o Leitorado e Acolitado sem que entre eles medeie pelo menos o espaço de alguns meses, é ilícito e irregular e faz perder o sentido pedagógico de tais ministérios. Da mesma sorte uma aproximação muito estreita entre o Acolitado e o Diaconato.

(10) *Ad Pascendum*, Introd.

(11) *ib*, II; Cf. *Ministeria Quaedam*, XI

(12) *ib*

(13) *Ministeria Quaedam*, X

(14) *Ad Pascendum*, IV

4. Ministérios e Vocação Salesiana

Uma última reflexão, muito rápida, devemos fazer a propósito de como o salesiano Leitor e Acólito deve procurar viver o próprio ministério em termos de salesianidade e de como a comunidade salesiana, ela própria ministerial como a Igreja, deve acolher e valorizar o dom que Deus lhe faz por intermédio do salesiano Leitor ou Acólito.

Para o próprio Irmão, trata-se de viver o ministério atual, que a Igreja lhe conferiu, *em termos de espírito e de missão salesiana*, para realizar-se gradualmente como Pastor-Educador.

Para a comunidade local e inspetorial será um sentir-se enriquecida e estimulada no seu crescimento para o serviço ministerial de anúncio do Evangelho e de santificação, especialmente no mundo juvenil.

É uma reflexão que devemos continuar ainda, todos juntos, mas que deve partir de uma experiência clara dos ministérios como hoje a Igreja no-os configura.

P. JUVENAL DHO

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

COMUNICAÇÃO DA NOMEAÇÃO DE UM DIRETOR

Em conformidade com as nossas Constituições, a nomeação do Diretor é feita pelo Inspetor, com o consentimento do seu Conselho e aprovação do Reitor-Mor (cf. art. 183).

Por conseguinte a comunicação formal da nomeação de um Diretor à comunidade interessada será feita doravante pelo próprio Inspetor, depois de receber a aprovação escrita do Reitor-Mor.

A mesma comunicação por parte do Inspetor à comunidade deve ser feita no caso da confirmação para outro triênio como diretor da mesma Casa. Para essa confirmação não é necessária a aprovação prévia do Reitor-Mor.

Se por grave necessidade o Inspetor com o seu Conselho julgarem necessária a prorrogação de um Diretor na mesma Casa por um terceiro triênio, deve-se apresentar um pedido formal ao Reitor-Mor, que, com o consentimento do Conselho Superior, pode conceder a confirmação, em virtude do rescrito papal "Cum admotae" n. 19).

E se fosse indispensável prorrogar por um quarto triênio consecutivo o cargo de um Diretor, apresente-se o caso ao Reitor-Mor, que poderá pedir a dispensa à Santa Sé.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO SUPERIOR

4.1 DA CRÔNICA DO REITOR-MOR

Dia 28 de abril, sábado, o Reitor-Mor presidiu interessante jornada cultural organizada pelos Ex-alunos de Parma. Na célebre igreja de S. João, rica de afrescos de Correggio, fez, diante de 2.000 pessoas, aplaudidíssima conferência sobre Puebla. No dia seguinte, 29 de abril, achava-se em Este, onde, no Collegio Manfredini, presidiu a solene concelebração de encerramento do ano centenário, participando da sessão acadêmica que focalizava a renovação da Escola Católica. Nessas duas ocasiões contactou e orientou vários grupos de Irmãos, FMA e jovens.

Nos meses passados estive na América do Norte (23 de março — 7 de abril), na Irlanda e na Grã-Bretanha (2-10 de maio). O roteiro das viagens fora elaborado pelo Conselheiro Regional, P. Jorge Williamn, que acompanhava o Reitor-Mor como tradutor. Estava com eles também o P. José Sangalli, que estabeleceu contatos com as FMA desses Países.

Acolhido com alegria e cordialidade, o P. Viganó passou pelas casas da Califórnia, dos Estados de Alberta e Quebec, presidiu a histórica celebração do cinquentenário da cidade de Newton, visitou as comunidades de formação, notadamente os estudantes de teologia em Columbus, encontrando-se freqüentemente com Salesianos, FMA, jovens, cooperadores, ex-alunos. A esperança, que se arraiga em Cristo Ressuscitado; a atualidade de Dom Bosco para o homem, e, pois, para o jovem de hoje; o trabalho em profundidade na pastoral, no estudo, na reflexão; a promoção vocacional; a urgência de melhorar a formação permanente e a inicial em suas várias etapas; a dimensão da oração como contemplação, particularmente em relação aos religiosos de vida ativa: foram os temas tratados em suas conversações. Com grupos específicos estudou problemas particulares. Participou ainda de encontros juvenis e iniciativas esportivas, despertando entusiasmo por toda a parte. Em conversa com o card. Terence J. Cook, em Nova Iorque, foi-lhe apresentado um pedido de presença salesiana entre os negros de Harlem, recebido com especial consideração e agrado pelo Sr. Inspetor e seu Conselho.

Dia 2 de maio foi à Irlanda, percorrendo-a de Limerk a Dublin e Knock. O dia central foi o sábado, 5 de maio, com a nossa Família reunida no novo santuário mariano nacional de Knock, onde se congregavam em oração mais de cinco mil "peregrinos salesianos" em volta do Reitor-Mor e da Rev.ma Madre Geral das FMA. O P. Viganó ficou particularmente impressionado com o profundo sentido de cristianismo que notava no povo irlandês, com a preocupação missionária da Inspetoria (que exerce o seu apostolado também em seis obras salesianas da África do Sul), com a fecundidade vocacional africana que conta várias presenças entre noviços e pós-noviços, com a organização e eficiência das escolas agrícolas, com a solução adotada para a comunidade formadora em relação ao centro de estudos.

Dia 6 de maio encontrava-se em Glasgow (era a primeira vez que um Reitor-Mor ia a Escócia), iniciando os contatos com os Irmãos da Grã-Bretanha. Visitou os dois centros de formação, Ushaw e Shrigley (cinquentenário do aspirantado, tão benemérito das vocações inglesas) e depois as mais importantes escolas e centros de atividade pastoral. A reunião dos Diretores e do Conselho inspetorial foi muito concreta, profundamente gentil e fraterna. O Reitor-Mor ficou muito satisfeito sobretudo com o empenho pela pastoral vocacional e pelo amor a Domingos Sávio.

A 11 de maio, falando dessas viagens aos Irmãos da Casa Geral, o P. Viganó fazia observar o entusiasmo, a aceitação, a gratidão com que é acolhida a presença do sucessor de Dom Bosco no seu ministério pela convergência na unidade, a alegria com a qual se verifica que a vocação salesiana é deveras universal, exprimindo-se com espontaneidade na cultura irlandesa, escossesa, inglesa, norte-americana e de todos os povos.

4.2 O VIGÁRIO

No mês de abril o Vigário do Reitor-Mor esteve no Brasil e na Argentina. De passagem pela Inspetoria de Belo Horizonte, pôde entrar em contato com os Irmãos das comunidades do Rio de Janeiro e depois com os Centros de

formação para teólogos em Belo Horizonte, para filósofos em São João del Rei e para noviços em Barbacena.

Na Argentina deu dois cursos de espiritualidade e atualização, dos quais participaram 160 diretores da Argentina, Uruguai e Paraguai. Os dois cursos, de sete dias cada um, tiveram como tema principal a apresentação e o estudo do primeiro documento do CG21.

Encontrou-se ainda com todos os noviços das Inspetorias da Argentina, reunidos no noviciado de La Plata-San Miguel, e com os filósofos e teólogos que estudam em Buenos Aires.

Voltou em seguida ao Brasil a fim de participar numa semana de atualização, destinada aos diretores da Inspetoria de Manaus, com finalidades análogas aos cursos realizados na Argentina.

4.3 O DICASTÉRIO PARA A FORMAÇÃO

De 22 a 27 de janeiro teve lugar, na Casa Geral, a Semana de Espiritualidade Mariana, organizada pelo Dicastério para a Formação, ajudado pelos outros Dicastérios. Dela participaram cerca de 150 membros da Família Salesiana, provenientes de toda a Europa, a fim de refletir sobre o tema: Maria Auxiliadora renova a Família Salesiana.

No Salesianum, de Roma, iniciou-se a 5 de março um curso de Renovação Espiritual, reduzido desta vez a três meses, dado que o Salesianum deverá estar livre em junho para o Simpósio dos Bispos Europeus.

Durante esses meses os membros do Dicastério, coadjuvados pelo P. Aubry, estão elaborando, mediante trabalho pessoal e uma série de reuniões, um primeiro esboço da Ratio Institutionis e da Ratio Studiorum, que se espera apresentar em julho ao Conselho Superior para uma primeira leitura.

A 9-10 de fevereiro, o Conselheiro para a Formação presidiu um encontro com os responsáveis pela formação das Inspetorias italianas. E de 26 a 28 de março, sempre na Casa Geral, realizou-se um encontro para formadores italianos de

pré-noviciado, noviciado e pós-noviciado, organizado pelo Dicastério.

Nesse meio tempo o P. Juvenal Dho empreendeu algumas viagens para uma série de visitas e encontros na Europa. De 23 de fevereiro a 5 de março visitou os centros de estudo de Salamanca, Martí Codolar, na Espanha, encontrando-se com os formadores, professores e grupos de estudantes de teologia e filosofia. Em Madri participou de quatro jornadas para os formadores de todas as Inspetorias da Espanha e de Portugal, durante as quais cerca de sessenta Irmãos refletiram sobre os temas: a formação espiritual, a dimensão salesiana na formação, os estudos e a formação intelectual, e as exercitações apostólicas.

De 9 a 12 de março, na Sicília, encontrou-se com os diretores e visitou de modo especial a casa para postulantes em Pingli.

Finalmente, de 29 de março a 7 de abril, o P. Juvenal Dho esteve em Portugal, onde, além do contacto com as duas comunidades do aspirantado e da filosofia-teologia, orientou quatro dias sobre a "formação religiosa" para formadores e formadoras, organizadas pela Federação Portuguesa dos Religiosos.

4.4 O DISCATÉRIO PARA A PASTORAL JUVENIL

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil, P. João Vecchi, esteve na Espanha para tomar parte numa reunião de Salesianos que trabalham nas paróquias. A reunião foi promovida pela Conferência Inspetorial Ibérica e coordenada pela Comissão Nacional de Pastoral Juvenil.

Participou depois na reunião da Comissão Nacional, na qual foram esclarecidos alguns pontos sobre a animação das Inspetorias e indicadas algumas linhas de trabalho para estes anos, linhas inspiradas no Capítulo Geral XXI.

Com os animadores da Pastoral Vocacional das oito Inspetorias da Região acertaram-se critérios fundamentais e algumas tarefas exigidas pelo Capítulo Geral.

Em rápida passagem por algumas Inspetorias, tomou contato com as equipes inspetoriais de animação e com os aspirantados.

Entrementes, com a presença de um dos membros do Dicastério, P. Celestino Rivera, foi prestada particular assistência a uma das Inspetorias, na elaboração do Projeto Educativo Pastoral.

4.5 DISCATÉRIO PARA A FAMÍLIA SALESIANA

O P. João Raineri desenvolveu nestes meses algumas atividades que interessam ao serviço para a Família Salesiana e para a Comunicação Social Salesiana.

1. 5.º Congresso Latino-americano dos Ex-alunos

Reuniu-se no Instituto Técnico Dom Bosco, do Panamá, de 27 de janeiro a 1.º de fevereiro deste ano, para estudar “a formação permanente do Ex-aluno a fim de que conserve, aprofunde e ponha em prática os princípios cristãos recebidos na escola de Dom Bosco”. O tema geral desdobrava-se em outros três: 1.º a formação dos alunos salesianos visando a evangelização e o apostolado; 2.º a formação dos Ex-alunos dirigentes; 3.º a formação dos Ex-alunos jovens. Os argumentos, já estudados a nível de Uniões e Federações inspetoriais e nacionais, despertaram vivos debates. Com o Presidente Confederal, Licenciado José González Torres, estavam presentes o Delegado confederal, P. Bastasi, o Secretário Geral, Dr. Tommaso Natale, e os Presidentes e Delegados das 20 Federações nacionais — exceto a do Brasil, representada pelo P. Quilici. Estiveram presentes também o Conselheiro Regional, P. Sérgio Cuevas, e os Inspetores da Bolívia, P. Vallino, do Equador, P. Valverde, do Paraguai, P. Reyes, do Peru, P. Sosa, das Antilhas, P. Mellano e da Venezuela, P. Odorico. Portadores da adesão do governo foram o Ministro da Ação Social e o Ministro da Instrução. Estiveram presentes também a Inspetora das FMA, M. Ana Mieza, com algumas dirigentes das Ex-alunas, que deram válida contribuição.

Na abertura do Congresso, o P. Raineri traçou as linhas para a colaboração dos Ex-alunos com os Salesianos e outros grupos da Família Salesiana, inspirando-se nas orientações do CG21. O discurso de abertura e as conclusões do Congresso já apareceram no órgão da Confederação Mundial, como subsídios úteis para os Inspetores e Diretores, que neles encontrarão orientações pastorais válidas para a animação dos Ex-alunos.

2. Encontros em Costa Rica com o Reitor-Mor e Inspetores da América Latina Inspetorias da América Latina

Após quatro dias de aprofundamento dos temas da Conferência de Puebla juntamente com os Inspetores e quatro Inspetores das FMA, o P. Raineri apresentou aos participantes algumas linhas de orientação para a animação da Família Salesiana e o programa elaborado pelo Secretariado para a Comunicação Social, com vistas à formação, à pastoral, a intercâmbios e coordenação deste setor segundo o CG21. Nessa ocasião os Inspetores das duas Regiões da América Latina nomearam também os seus representantes para o Corpo Consultivo Mundial da Comunicação Social e as pessoas de ligação em cada Inspetoria.

3. Visita a algumas Inspetorias da América

A fim de pôr os Srs. Inspetores a par das orientações do Secretariado e informar-se das respectivas situações o P. Raineri visitou brevemente as Inspetorias de México, Guadalajara, San Francisco, New Rochelle, Caracas, Equador, Bogotá, Chile e Buenos Aires, participando em reuniões dos Conselhos Inspetoriais e das Comissões encarregadas das várias atividades. Encontrou-se com os responsáveis inspetoriais e nacionais para informar-se de atividades, programas, dificuldades, e receber orientações quanto à ação do dicastério no campo formativo, pastoral e promocional.

A exigência mais urgente que se fez sentir foi a do diálogo, da troca de informações e de um mínimo de união e colaboração na formação inicial e permanente dos Salesianos em relação às suas tarefas na Família Salesiana e nas atividades da Comunicação Social.

Durante a viagem, o P. Raineri participou na reunião dos Conselhos Nacionais dos Ex-alunos e dos Cooperadores da Argentina e do Chile, interveio nas reuniões das Presidências inspetoriais e dos Conselhos, e em numerosos encontros de Cooperadores, Ex-alunos e VDB, e falou da Família Salesiana e da Comunicação Social a numerosas comunidades salesianas, a grupos de FMA e a muitas casas de formação.

4. Reuniões de encarregados a nível Inspetorial na Itália

Regressando à Itália a 6 de março, presidiu a reunião do Secretariado Executivo do Corpo Consultivo Mundial dos Cooperadores nos dias 10-11. Nos dias 12-14 de março participou na USP em três dias de estudo das orientações do CG21 respectivamente com os responsáveis inspetoriais e nacionais da Família Salesiana, dos Delegados e Delegadas dos Cooperadores e dos Delegados dos Ex-alunos. Do encontro emergiram as indicações e temas para futuras iniciativas de sensibilização das comunidades e dos responsáveis locais na sua tarefa de animação prevista pelo PG21 (n. 79) segundo um calendário a ser estabelecido pela CISI.

5. Vista à Espanha, Portugal e Suíça

Análoga foi a colocação e escopo das reuniões mantidas em Madri-Alcalá nos dias 17, 18 e 19 de março com os dirigentes e com os Delegados nacionais dos Cooperadores e dos Ex-alunos e algumas Delegadas das FMA e das VDB da Espanha. As conclusões serão examinadas pela Conferência Ibérica.

Incluiu-se nessa viagem a visita às Editoriais de Barcelona a 16 de março, de Madri e Porto a 20 de março.

Numa visita a Lugano, o Conselheiro participou numa jornada pela liberdade da Escola no Cantão Ticino organizada pelos Ex-alunos Suíços, juntamente com D. Javierre, Secretário da Congregação para a Educação Católica, e na reunião de lançamento da 4.^a Eurobosco, que terá lugar em Lugano em 1981.

6. Visita à Polónia

Após haver presidido dia 13 de abril a Junta Confederal dos Ex-alunos para precisar as conclusões do Congresso La-

tino-Americano, aprovar o balanço anual da Confederação, examinar o programa do Congresso dos Ex-alunos da Ásia para 1980, estimular a participação nas atividades do ano da criança, examinar a posição da Confederação na OMAAEEC; o P. Raineri viajou para a Polônia, onde pôde perceber o grande dinamismo dos Salesianos para favorecer o crescimento e a animação da Família Salesiana, especialmente entre os jovens, para uma eficiente atividade apostólica na Igreja. Visitou também as casas de formação dos Salesianos e das FMA, encontrou-se com os diretores e párocos das duas Inspetorias, que, em lugares diferentes, faziam os Exercícios Espirituais e falou a várias comunidades salesianas. Deve assinalar-se o encontro com os "Operários de Cristo-Rei", fundados pelo Cardeal Hlond, do qual se está preparando a causa de beatificação.

O balanço da viagem foi feito num encontro com o Delegado do Reitor-Mor e os dois Inspetores no fim da visita, durante a qual participou também da festa da Virgem de Jasna Gora, a 3 de maio.

7. O Simpósio e o estudo para a animação da Família Salesiana

Um grupo constituído pelo Delegado do Reitor-Mor para as FMA, pelo Assistente Central das VDB, pelo Delegado Confederal dos Ex-alunos, pelo Delegado Mundial dos Cooperadores, pelo P. José Aubry e P. Mário Midali como peritos, reuniu-se várias vezes para elaborar um dossiê em preparação ao Simpósio de estudo sobre a animação da Família Salesiana que se realizará de 1 a 8 de setembro na Villa Tuscolana, e no qual intervirão membros qualificados dos diversos grupos designados pelos respectivos responsáveis, após haverem refletido, dentro do respectivo grupo, sobre os valores comuns e específicos da vocação salesiana.

Cada grupo enviará, em meados de julho, os resultados da própria reflexão ao Dicastério que definirá programa e ritmos de trabalho do Simpósio de setembro. Espera-se que da reunião apareçam válidas orientações pastorais para os animadores salesianos nas tarefas "preferenciais" e "particulares responsabilidades" para "quantos são — com os Salesianos — portadores da vontade do Fundador", a fim de que

estejam capacitados a realizar “uma animação tal que, na sua expressão frontal, a mais espiritual e pastoral, seja verdadeiramente valorizada pelos carismas da ordenação sacerdotal” (Cf. CGE 151; Reg. 30; Const. 5; CG21 588).

8. O Secretariado para a Comunicação Social

Preparou, com estudo colegial, o seu programa de trabalho para cumprir que lhe foram confiadas pelo CG21, e publicou-o num “caderno” enviado a todos os Inspetores. Nele se contêm os vários “projetos” de formação, animação, ligação, promoção da Comunicação social e da informação salesiana com a indicação em linhas gerais das datas das atividades previstas. O Delegado Central, P. Ettore Segneri, participou nas reuniões dos Formadores em Porto Alegre, Buenos Aires, e visitou os centros de Porto Alegre, Belo Horizonte e São Paulo. Graças ao interesse do Secretariado, continuam as várias atividades de informação salesiana e comunicação social. Durante o “plenum” do Conselho Superior de junho-outubro, serão estabelecidos, servindo-se das indicações recolhidas diretamente ou trazidas pelos superiores, os programas e as várias iniciativas. Contribuirá para à sua elaboração o exame dos dados provenientes de um levantamento destinado a compilar um fichário das obras e do agentes de comunicação social existentes na Congregação.

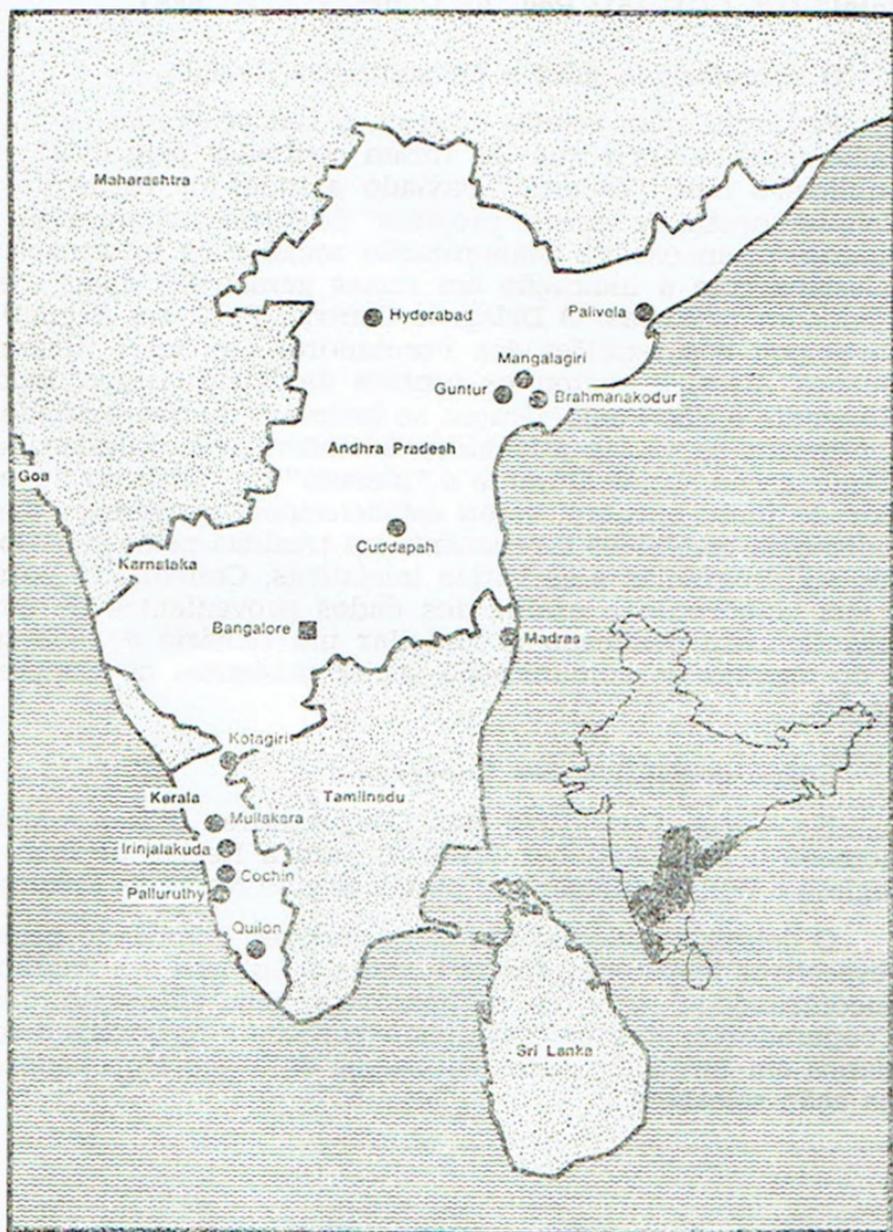
9. Corpo consultivo dos Cooperadores

No Corpo Consultivo dos Cooperadores o Reitor-Mor nomeou a Sr.ta Annabel Clarkson para a Região de língua inglesa e Willy Baumgartner para a Região Norte da Europa.

O delegado mundial dos Cooperadores, convidado pelos respectivos inspetores, fez uma visita a Lubiana e a Zagreb, encontrando-se com os responsáveis pela animação dos Cooperadores, com os diretores e párocos e os jovens salesianos em formação, além de grupos de leigos empenhados na ação salesiana.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 A NOVA INSPETORIA DE BANGALORE



INDIA

Inspetoria de Bangalore

Inspetor: P. Thomas THAYTL

Vigário: P. Joseph KAVILPURAIDATHIL

Ecônomo: P. Mathew UZHUNNALTIL

Conselheiros: P. John LENS

P. Mathew MARUVATHRAIL

Endereço provisório da sede inspetorial:

Kristu Jyoti College

Bangalore 560 036

Índia

Telefone 58212

Casas da nova Inspetoria:

BANGALORE *Kristu Jyoti College*

COCHIN *Don Bosco Oratory*, com as Casas filiais:

COCHIN *PALLURUTHY Don Bosco Welfare Centre*

CHENGALAM *St. Joseph Parish*

QUILON *St. Stephen's Parish*

CUDDAPAH *St. Antony's Industrial Institute*, com a Casa filial de:

HYDERABAD *St. Theresa's Church*

GUNTUR *St. Michael's Industrial School*, com as Casas filiais de:

GUNTUR *MANGALAGIRI Don Bosco Prem Nivas*

BRAHMANAKODUR *Catholic Church*

PALIVELA *Sacred Heart Church*

IRINJALAKUDA *Don Bosco High School*

KOTAGIRI *Mount Don Bosco*

MULLAKARA *Don Bosco High School*

PALIVELA *(a abrir-se em breve)*

5.2 NOMEAÇÕES DE NOVOS INSPETORES

Em conformidade com o art. 169 das Constituições, o Reitor-Mor com o seu Conselho nomeou os seguintes inspetores:

- P. Domingos DE BLASE
para a Inspeção de New Rochelle (E.U.A.)
- P. Carmine VAIRO
para a Inspeção de San Francisco (E.U.A.)
- P. Matias LARA DIEZ
para a Inspeção de Bilbao (Espanha)
-

5.3 PESSOAL MISSIONÁRIO EM 1978

5.3.1 Novos Missionários em 1978

Em 1978 45 Salesianos partiram para as Missões: 26 sacerdotes, 9 coadjutores, 10 clérigos.

Os novos Missionários provinham das seguintes Nações:

Bélgica 1 (1.0.0); Filipinas 1 (1.0.0);
França 4 (4.0.0); Irlanda 1 (1.0.0);
Itália 15 (10.2.3); Iugoslávia 2 (2.0.0);
Oriente Médio 1 (1.0.0); Polónia 5 (3.0.2);
México 1 (1.0.0); Portugal 2 (0.2.0);
Espanha 12 (2.5.5).

21 deles foram enviados à América Latina (14.6.1), 18 (9.2.7) à África; 6 (3.1.2) à Ásia.

Cinco foram para o Brasil, quatro para a África Central, quatro para o Oriente Médio (três dos quais destinados à África), quatro para o México, três para a Bolívia, três para Cabo Verde, três para o Marrocos, dois para a Argentina, dois para o Japão, dois para o Peru, dois para o Zaire. Foi enviado um missionário para cada uma das seguintes Nações: Chile, Colômbia, Equador, Etiópia, Gabão, Filipinas (para Timor), Macau, Paraguai, África do Sul, Tailândia, Venezuela.

A Inspeção de Lodz ofereceu cinco missionários, quatro as de Milão, Paris e Verona, dois as de Barcelona, Bilbao,

León, Madri, Nápoles e Veneza. Enviaram um missionário: Bélgica do Norte, Itália Central, Filipinas, Irlanda, Iugoslávia-Ljubljana, Oriente Médio, México-México, Romano-Sarda, Espanha-Valência, Iugoslávia-Zagreb.

Os missionários provêm de 10 Nações e de 21 Inspetorias diversas, e foram enviados a 22 Inspetorias missionárias de 22 Nações diversas.

5.3.2 *Pedidos dos Missionários*

Durante o ano 1978 mais de 80 Irmãos pediram para ir para as Missões. De 1.º de janeiro de 1979 até hoje (15.5.1979) chegaram 47 pedidos ao Reitor-Mor (23 sacerdotes, 1 diácono, 1 coadjutor, 15 clérigos, e 7 noviços). É muito consolador verificar que 22 pedidos provêm da Índia e 2 das Filipinas.

Conquanto seja evidente que boa parte dos que apresentaram pedido não poderão partir para as missões senão após completarem os estudos, é de esperar que outros ainda venham a pedir, porque é mais atual do que nunca a palavra do Senhor "Operarii pauci, messis quidem multa".

5.3.3 *Pedidos de Missionários*

Chegam todos os meses pedidos dos Bispos da África solicitando pessoal missionário.

Pensa-se em dar nos próximos meses passos definitivos para uma presença salesiana na Libéria, em Benni e no Senegal. E na possibilidade de nossa presença em Addis Abeba.

O Conselho Superior pronunciar-se-á nos próximos meses sobre os pedidos provenientes do Sudão e do Quênia.

Após a visita do P. Jorge Williams a Papua Nova Guiné, o Inspetor das Filipinas foi convidado a estudar no local os pedidos e possibilidades de nossa presença. Na opinião deles, a nossa presença entre esses povos jovens e primitivos, que muito prometem, não só é possível, mas aconselhável e urgente.

No mês de janeiro de 1979, um Irmão sacerdote transferiu-se da Austrália para a ilha de Samoa Ocidental, onde trabalha numa escola e numa obra para jovens, estudando a

conveniência de uma atividade nossa entre a juventude da ilha.

Dois Irmãos sacerdotes indianos já estão destinados a essa missão, no caso de a assumirmos no próximo outono.

5.3.4 Conclusão

É um fato desconcertante e motivo de séria reflexão, quanto ao problema missionário, a impressão que nos deixam as estatísticas. Não são cristãos 96,3% da população da Ásia e 72,15% da África.

Na África os católicos são 12,2% da população, ao passo que na Ásia são apenas 2,6%.

Em outras palavras, nesses dois continentes os não-cristãos são mais de dois bilhões e meio (na Ásia 2.218.571.000, e na África 313.357.000). Sabemos que se há 5,4 sacerdotes para cada 10.000 habitantes na Europa, há 2,0 na América Latina, 0,4 na África e 0,1 na Ásia!

Mais de um século atrás, o grande missionário Lavigerie pôs-se à procura de voluntários com um convite que à primeira vista pareceria destinado mais a desencorajar que a atrair missionários: "Preciso de homens de fé e de coragem. Não posso prometer-lhes nada senão pobreza, provas e sofrimentos de toda a espécie. É precisamente isso que me dá a coragem de pedir pessoal."

Hoje a Igreja precisa de homens assim. Graças a Deus há-os na Congregação, e é por isso que o CG21 quis rasgar novas fronteiras para a nossa dimensão missionária e renovar aos Irmãos o insistente apelo do Senhor.

5.4 DEZ ANOS DE SOLIDARIEDADE FRATERNA

1. Em 31 de março de 1969 foi registrada no Econo-mato Geral a primeira contribuição para o Fundo da Solidariedade Fraterna: 150.000 libras do Instituto Dom Bosco de Borgomanero; Alguns dias depois, chegou um cheque de 500.000 libras do Instituto Bearzi de Udine.

2. Em 31 de março de 1979, precisamente dez anos depois, o total das contribuições orçava em 733.003.294 liras.

Eis, por Continente, as quantias distribuídas:

à África mais de 63.000.000 de liras

à América 300.000.000

à Ásia mais de 210.000.000

O restante foi dado a obras salesianas da Europa oriental e a obras não salesianas espalhadas pelo mundo.

Apresentamos as quantias totais recebidas e distribuídas, Inspetoria por Inspetoria, respeitando o anonimato dos ofertantes. As Inspetorias são indicadas com a sigla convencional.

INSPETORIAS	Contribuições recebidas ⁽¹⁾	Contribuições distribuídas ⁽²⁾
XA ⁽³⁾	19.996.040 ⁽⁴⁾	36.590.352 ⁽⁴⁾
XB	3.850.000	19.222.600
XC	2.500.000	3.032.000
XD	1.000.000	20.235.193
XE	1.068.125	6.100.000
XF	690.000	17.492.150
XG	10.565.145	25.883.000
XH	4.370.000	21.711.750
XI	560.000	112.000
XJ	—	3.600.000
XK	30.113.430	—
XL	19.249.863	—
XM	18.105.410	2.890.000
XN	1.452.940	3.564.300
XO	5.320.000	29.974.000
XP	1.170.000	32.445.135
XQ	9.193.000	51.642.900
XR	4.130.000	—

1. Soma enviada pela Inspetoria ao Centro
2. Soma enviada pelo Centro à Inspetoria
3. Sigla convencional
4. Em liras italianas

Inspetorias	Contribuições recebidas	Contribuições distribuídas
XS	1.119.139	500.000
XT	1.900.000	—
XU	1.300.000	—
XV	3.040.000	—
XW	40.194.105	1.000.000
XX	11.758.100	—
XY	8.964.000	2.825.000
XZ	19.815.000	—
YA	56.335.000	—
YB	11.026.050	—
YC	10.027.000	2.450.000
YD	38.435.280	—
YE	48.488.000	1.000.000
YF	1.374.000	—
YG	—	6.187.500
YH	—	7.600.000
YI	1.030.000	27.489.000
YJ	3.160.500	21.735.750
YK	6.411.000	9.740.000
YL	10.805.214	1.950.000
YM	3.585.500	2.317.500
YN	167.000	1.590.000
YO	—	1.208.450
YP	942.000	—
YQ	3.358.780	—
YR	2.117.719	—
YS	32.760.000	1.000.000
YT	8.227.000	26.564.500
YU	12.418.020	8.304.305
YV	1.200.000	15.254.190
YW	—	15.877.300
YX	1.500.000	11.080.000
YY	138.000	3.500.000
YZ	13.557.500	2.737.000
ZA	2.152.540	12.060.000
ZB	502.600	2.500.000
ZC	2.720.000	7.375.000
ZD	39.719.800	—
ZE	798.750	15.349.000
ZF	1.808.500	8.800.000
ZG	—	1.500.000
ZH	—	7.800.000
ZI	2.997.740	10.400.000
ZJ	5.685.666	—
ZK	3.656.700	500.000
ZL	700.000	—
ZM	4.798.342	—
ZN	8.007.399	—
ZO	6.248.750	—

Inspetorias	Contribuições recebidas	Contribuições distribuídas
ZP	5.321.000	—
ZQ	29.419.206	1.021.286
ZR	78.553.270	—
ZS	2.851.875	10.469.300
ZT	1.000.000	11.067.000
ZU	13.545.625	500.000
ZV	500.000	16.198.000
ZW	10.035.000	32.882.427
ZX	50.000	7.672.500
ZY	500.000	30.723.400
ZZ	—	1.450.000
OA	—	4.495.000

5. Os nossos Missionários agradecem a generosidade dessas ofertas, que lhes permitiu a promoção de muitas iniciativas para a evangelização e promoção humana.

O bem redundará em proveito não só de quem recebe, mas ainda de quem dá com espírito de solidariedade.

5.5 SOLIDARIEDADE FRATERNA (28.ª RELAÇÃO)

a) INSPETORIAS DAS QUAIS CHEGARAM OFERTAS

AMÉRICA

Argentina, Buenos Aires	L.	8.350.000
Brasil		1.209.176
Estados Unidos Oeste		8.175.000

ÁSIA

Índia, Bombaim		500.000
----------------	--	---------

EUROPA

Bélgica Sul		561.010
Itália, Adriática		50.000
Itália, S. Marcos		7.600.000
Holanda		14.552.400

Tota das ofertas chegadas entre 23.11.1978 e 15.5.1979 40.997.586

Saldo em caixa anterior 48.888

Quantia disponível a 15.5.1979 41.046.474

b) DISTRIBUIÇÃO DAS SOMAS RECEBIDAS

AMÉRICA

Argentina, Córdoba: para hospitalização	
Antilhas, Haiti: para a manutenção e educação de meninos pobres	500.000
Argentina, Bahia Blanca: para a manutenção de um missionário	1.000.000
Argentina, Bahia Blanca: para a paróquia e o Centro Juvenil de Trelew	1.000.000
Brasil, Campo Grande: para o centro catequístico	500.000
Brasil, Manaus: para a missão S. Família	1.300.000
Chile, Punta Arenas: para uma bolsa de estudo	835.000
Colômbia, Ariari, Puerto Lleras: para instrumentos de trabalho	500.000
Equador: para uma bolsa de missiologia	1.000.000
México, México: para uma bolsa de estudo	1.000.000
Uruguai, Las Piedras: para necessidades várias	900.000

ÁSIA

Birmânia, à Prefeitura de Lashio (da Holanda)	4.172.500
Coréia: dos Estados Unidos Oeste	100.200
Filipinas, Cebu: para Pasil (da Holanda)	4.172.500
Filipinas, Manila: para Tondo (da Holanda)	4.172.500
Oriente Médio: para a restauração da igreja em Nazaré	1.000.000
Índia, Calcutá: para uma paróquia (da Holanda)	1.041.000
Índia, Calcutá: para material catequístico para os oratórios festivos de Sonada	500.000
Índia, Gauhati: para os agricultores pobres de Umsning	500.000
Índia, Gauhati: para o desenvolvimento da missão de Haflong	1.000.000

Índia, Gauhati, Damra para a construção de capelas nas aldeias	1.000.000
Índia, Gauhati: para os leprosos de Nongpoh e Tura	1.000.000
Índia, Gauhati: para o estudantado teológico de Mawlai (da Holanda)	415.400
Índia, Gauhati, Bengtol: para a manutenção de jovens aborígenes	1.000.000
Índia, Gauhati, Golaghat: para as necessidades da missão (em parte da Holanda)	1.077.500
Índia, Madrasta, Tiruvannamalai: para pequenas casas para os pobres	1.000.000
Índia, Madrasta, Madurai: para escola destruída pelo furacão	1.000.000
Índia, Madrasta, Brahamanakodur: para a construção de uma capela	1.000.000
Índia, Madrasta, Pulianthope: para os pobres da paróquia	300.000
Índia, Madrasta, Veeralur: para os marginalizados	500.000
Índia, Madrasta, Poonamallee: para remédios para doentes pobres	500.000
Timor, Lospalos: para os refugiados	1.000.000
Timor, Fatumaca: para a escola técnica	1.000.000
Timor, Baucau: para crianças desnutridas	1.000.000

EUROPA

Itália: para assistência médica a um sacerdote	500.000
Itália: para atividades do apostolado juvenil	400.000
<i>Total das quantias distribuídas entre 23.11.1978 e 15.5.1979</i>	41.037.600
<i>Saldo em caixa</i>	8.874
<i>Total em Liras</i>	41.046.474

c) MOVIMENTO GERAL DA SOLIDARIEDADE FRATERNAL

<i>Quantias chegadas até 15.5.1979</i>	734.103.294
<i>Quantias distribuídas na mesma data</i>	734.094.420
<i>Saldo em caixa</i>	8.874

5.6 LEVANTAMENTO ESTATÍSTICO DO PESSOAL

Dados do "Flash 31 de dezembro de 1978"

	PROFESSOS						NOVIÇOS			
	Sacerdotes	Diáconos	Diáconos permanentes	Clérigos		Coadjutores		TOTAL	CLÉRIGOS	COADJUTORES
				Professos perpétuos	Professos temporários	Professos perpétuos	Professos temporários			
<i>Casas sob direta dependência do Reitor-Mor</i>										
Roma Casa Geral	161			22				83		
Roma Universidade	87			18				105		
Turim Casa Mãe	33			23				56		
<i>Região da Itália e Oriente Médio</i>										
Adriática (Ancona)	156	1		40	2	1	2	202		
Central (Turim)	213	5	1	159	7	6	11	402	1	1
Ligure Toscana (Génova)	199	6		60		7	3	275	1	1
Lombardo Emiliana (Milão)	343	7		86	3	9	9	457	1	1
Meridional (Nápoles)	282	4	2	63	4	9	16	380	4	1
	191	3		71	2	5	2	274	1	1
Romano Sarda (Roma)	285	9	1	81	2	22	26	426	4	1
Sícula (Catânia)	342	3		48	2	14	36	445	6	2
Subalpina (Turino)	343	8		111		16	16	494	2	2
Vêneta (Mogliano Veneto)	210	2	1	70	1	12	15	311		
Vêneta Oeste (Verona)	203	1	2	58	1	10	6	281		
Oriente Médio (Belém)	113		1	37		9	5	165		1
<i>Região Europa Central e África Central</i>										
Austria (Viena)	143			21	1	4	7	176	3	
Bélgica Norte (Bruxelas)	217	1		26	1	1	20	266	3	
Bélgica Sul (Bruxelas)	113			9		1	6	129		
França Sul (Lyon)	147			33		5	1	186	3	1
França Norte (Paris)	224	1		36	1	1	5	268	3	1
Alemanha Norte (Colônia)	127			41	6	3	7	184	2	2
Alemanha Sul (Munique)	171	5		86	6	1	21	288	4	2
Iugoslávia Slov. (Ljub.)	97	5		24	1	5	35	167	5	
Iugosl. Croacia (Zagreb)	75	2		9	1	9	19	115	2	
Holanda ('s-Gravenhage)	75	1		35	1	1	2	115	1	
Além - cortina										
África Central (Lubumbashi)	127			21	3	2	12	165	4	2
<i>Inspetorios sob dependência do Reitor-Mor mediante um Delegado</i>										
Polónia Nord (Lódz)	335	5		44	3	7	89	483	34	
Polónia Sud (Cracóvia)	304	3		29	1	1	59	397	15	1

Região Ibérica

Barcelona	198	6		51	2	17	35	309	2
Bilbao	129	1	1	62	9	26	62	290	
Córdoba	146			12	1	6	6	171	2
León	183	2		69	16	13	38	321	4
Madri	251	4	2	106	42	25	65	495	15
Sevilha	156		1	44	1	4	12	218	1
Valência	177	5		41	3	13	25	264	2
Portugal (Lisboa)	121	2	1	60	4	14	7	209	3

Região de Língua Inglesa

Austrália (Oakleigh)	72	4		25		4	13	118	3
Grã-Bretagna (Oxford)	170	4		31	3	9	15	232	10
Irlanda (Dublin)	125	1		25	1	2	22	176	10
Estatos Unidos (New Rochelle)	189	8		59	8	12	48	324	18
Estatos Unidos (San Francisco)	95	2		36	3	10	18	164	4

Região Atlântico

<i>Argentina</i>									
Bahía Blanca	151	3		18	2	3	8	185	2
Buenos Aires	199	3		23	1	5	32	263	6
Córdoba	134	1		13			18	166	3
La Plata	98			16		2	4	120	6
Rosário	118			20		1	11	150	6
<i>Brasil</i>									
Belo Horizonte	127	1		31		2	21	182	4
Campo Grande	123	2		27	1	5	19	177	5
Manaus	91			25	3	4	14	137	1
Porto Alegre	94	4		13	1	3	13	128	8
Recife	68			22	2	1	9	102	2
São Paulo	134			31	1	8	39	213	4
Paraguai (Asunción)	65	1		9	1	3	4	83	4
Uruguai (Montevideu)	138	4		13	1		6	162	3

Região do Pacífico Caribe

Antilhas (Sto. Domingo)	118	1		22	1	1	27	170	8
Bolívia (La Paz)	64	1		18	1	4	11	99	2
América Central (San Salv.)	127			26	2	5	24	184	12
Chile (Santiago de Chile)	155	1		30	1	8	24	219	13
Colômbia (Bogotá)	130			48		4	18	200	3
Colômbia (Medellín)	94			23		5	11	133	12
México (Guadalajara)	98	1		12		9	15	135	3
México (México)	82			13		3	22	120	5
Peru (Lima)	110	4		16		1	13	144	6
Venezuela (Caracas)	192	2	1	34	3	5	26	263	10
Equador (Quito)	181	1		38		7	26	253	15

Ásia

China (Hong Kong)	109			48	1	7	4	169	2
Filipinas (Makati)	85			20	7	8	82	202	12
Japão (Tóquio)	103	1	1	25	1	5	4	104	3
Índia Bombaim	62			15	5	24	49	155	19
Calcutá	112			28	7	26	66	239	22
Gauhati	140	1		34	8	29	120	332	24
Madrasta	213	2		39	15	27	123	419	29
Coréia (Seul)	17	1		6		2	1	27	
Tailândia (Bangkok)	56	2		13	1	7	13	92	4
Vietnã	19	4		9	4	34	39	109	

TOTAL	11.035	152	15	2.758	212	574	712	16.458	427	62
--------------	---------------	------------	-----------	--------------	------------	------------	------------	---------------	------------	-----------

1.7 ELENCO DE 1979 (PRIMEIRO VOLUME): CORREÇÕES
E MODIFICAÇÕES

Adar o número do telefone:

- 79 FRASCATI CAPOCRORE: 942.03.94
- 80 FRASCATI LITUANI: 942.05.07
- 169 GIEL: (33)35.01.02
- 169 MONTESSON: 952.03.80
- 170 PARIS ALLIGRE: 345.68.75
- 172 PARIS TURBIGO: 274.10.23
- 173 FRIBOURG: 24.19.77

Corrigir o endereço:

- 168 CAEN: 60, rue d'Hérouville
- 169 EPRON: Foyer Père Robert
Cédex J 15
EPRON
14610 THAON
- 169 GIEL: E.S.A.T.
GIEL
61210 PUTANGES
- 172 PARIS RESIDENCE DON BOSCO: *Résidence Don Bosco*
393 bis, rue des Pyrénées
75020 PARIS
- 173 SAINT DIZIER: ESTIC
1 bis, rue du Maréchal de Lattre de
Tassigny
B.P. 3
52101 SAINT DIZIER
- 173 FRIBOURG: *Africanum*
Route de la Vignetta, 57
CH — 1700 FRIBOURG
- 272 GERONA: Casa Salesiana
P. San Juan Bosco, 1
GERONA
- 413 MACAU: Instituto Salesiano
P.O. Box 455
MACAU
- 417 CEBU LAWAN: Don Bosco Missionary Seminary
Lawa-an, Talisay, Cebu 6453
Philippines

(*Lava-an* é o nome do povoado; *Talisay*, do município; *Cebu*, sem acento, é a ilha e a província)

Corrigir:

Antonini Alfonso, sac.: na comunidade de ROMA TUSCOLANA.
Bonato Natale, sac.: na Casa de Belém
Guerriero Antonio, sac.: entre os Irmãos da Casa Geral.
Jiménez Giuseppe, sac.: na Casa de Arévalo, p. 300.
Pianazzi Archimede, sac.: provisoriamente em Shillong.
Rasmussen Arrigo, sac.: na Casa Geral.
Rodríguez Francesco, sac.: na Casa de Guadalajara, p. 301.
Romaldi Renato, coad.: na Casa Geral.
Zanardini Giuseppe, sac.: na Inspeção do Paraguai, Colegio Salesiano Sagrado Corazón, Asunción.

Cancelar:

- a) Irmãos cuja morte foi comunicada (Cf. Disposições e normas nos Atos do Conselho Superior n. 291, 3.1).
Ver nos nomes sob a epígrafe *Irmãos falecidos*.
- b) *Passaram ao Clero secular:* Goggi Attilio, Tuzzolino Filippo, Wiera Stefano.
- c) Tiveram dispensa dos votos: Alonso Giovanni, Alvaro Rodrigo, Angelino Alberto, Cantarella Antonio, Dockweiler Ermano, Espejo Alberto, Fenoglio Michele, Guedes Aginaldo, Gutierrez Raimondo (Léon), Martin Gesù (Martin), Mujica Luigi, Pereira Ignazio, Santamarta Filippo, Poltronieri Ilario, Uthai Giuseppe.
- d) *Saiu ao terminarem os votos:* Vidácić Nicola.
- e) *Suspenderam as atividades as Casas de:* Saarbrücken (p. 181), Sevilha-Macarena (p. 318).

5.8 IRMÃOS FALECIDOS

BAJUK Antônio sac. n. em Bozjakovo (Iugoslávia) a 1.3.1913, m. em Zagreb (Iugoslávia) a 2.2.1979 aos 66 a. 46 de prof. 36 de sac.

BAQUERO José sac. n. em Cieza (Murcia-Espanha) a 25.3.1910, m. em Villena (Espanha) a 1.2.1979 aos 69 a. 50 de prof. 38 de sac.

BARONE Brás sac. n. em Foglizzo (Itália) a 2.2.1902, m. em Sordevolo (Itália) a 9.12.1978 aos 37 a. 27 de prof. 15 de sac.

BRIGATO José coad. n. em Bedizzole (Itália) a 21.1.1912, m. em Brescia (Itália) a 12.3.1979 aos 67 a. 31 de prof.

BUSON Luciano sac. n. em S. Pietro Viminario (Itália) a 10.5.1929, m. em Conselve (Itália) a 30.1.1979 aos 49 a. 32 de prof. 21 de sac.

CABRINI Guilherme sac. n. em S. Sisto (Itália) a 11.3.1892, m. em Ramos Mejia (Argentina) a 21.2.1979 aos 87 a. 71 de prof. 64 de sac. Foi Insp. por 13 a.

CAPECCHI Lourenço coad. n. em Borgo S. Lorenzo (Itália) a 21.3.1912, m. em Genova-Sampierdarena (Itália) a 22.3.1979 aos 75 a. 58 de prof. 48 de sac.

COLL José coad. n. em Estach (Espanha) a 8.11.1910, m. em Barcelona (espanha) a 16.3.1979 aos 68 a. 50 de prof.

DA ROLD Henrique sac. n. em Belluno (Itália) a 26.5.1914, m. (Itália) a 8.4.1979 aos 65 a. 47 de prof. 38 de sac.

DOMITROVITSCH Estêvão sac. n. em Sumetendorf (Áustria) a 19.10.1906, m. São Paulo (Brasil) a 18.2.1979 aos 72 a. 49 de prof. 41 de sac.

FILUSTEK Ladislau sac. n. em Povazska (Tcheco-Eslováquia) a 7.5.1907, m. em Lima (Peru) a 16.2.1979 aos 72 a. 52 de prof. 48 de sac.

GRIGNON Alberto sac. n. em Quédillac (França) a 29.10.1924, m. em Caen (França) a 29.3.1979 aos 55 a. 34 de prof. 25 de sac.

JESTIN André sac. n. em Plouguerneau (França) a 22.8.1930, m. em Angers (França) a 1.3.1979 aos 48 a. 28 de prof. 15 de sac.

LECOMTE Júlio sac. n. em Gien (França) a 9.5.1910, m. em Dormans (França) a 23.3.1979 aos 68 a. 45 de prof. 42 de sac.

LENDAVAY Júlio sac. n. em Goganfa (Hungria) a 27.7.1903, m. em Sümeg (Hungria) a 20.4.1979 aos 76 a. 52 de prof. 45 de sac.

LUONI Celso coad. n. em Busto Arsizio (Itália) a 6.11.1903, m. em Genova-Sampierdarena (Itália) a 12.1.1979 ao 75 a. 54 de prof.

MOLINA Manuel sac. n. em Pichi Leufú (Argentina) a 29.1.1905, m. em Bahia Blanca, (Argentina) a 28.3.1979 aos 74 a. 57 de prof. 46 de sac.

MONTI Luís sac. n. em Mazzé (Itália) a 13.6.1904, m. em Genova-Quarto a 21.4.1979 aos 74 a. 55 de prof. 47 de sac.

PAGNIN Marcelo sac. n. em Camin (Itália) a 20.1.1927, m. em Pádua (Itália) a 26.3.1979 aos 52 a. 33 de prof. 23 de sac.

PEREZ Manuel sac. n. em S. Pedro de la Mezquita (Espanha) a 1.1.1887, m. em Valência (Espanha) a 18.3.1979 aos 92 a. 70 de prof. 60 de sac.

PRIETO Manuel coad. n. em Sandianes (Espanha) a 8.12.1890, m. em Málaga (Espanha) a 30.10.1978 aos 88 a. 65 de prof.

PRIMO José coad. n. em Pinerolo (Itália) a 28.12.1907, m. em Luserna S. Giovanni (Itália) a 3.4.1979 ao 71 a. 31 de prof.

PULEO José sac. n. em Misterbianco (Itália) a 10.6.1917, m. em Pedara (Itália) a 17.2.1979 aos 61 a. 44 de prof. 34 de sac.

RAUCO Mário coad. n. em Leonessa (Itália) a 7.8.1916, m. em Leonessa (Itália) a 8.1.1979 aos 62 a. 33 de prof.

ROUMANN Espiridião sac. em Beirute (Líbano) a 14.12.1884, m. em Belém (Israel) a 11.2.1979 aos 94 a. 74 de prof. 65 de sac.

SCAMPINI José sac. n. em Dorog (Hungria) a 20.12.1906, m. em Szombathely (Hungria) a 16.2.1979 aos 72 a. 58 de prof. 47 de sac.

SCOLARO Antônio sac. n. em Montagnana (Itália) a 26.8.1935, m. em Jauretê (Brasil) a 1.4.1979 aos 43 a. 26 de prof. 16 de sac.

SINISI Vicente sac. n. em Venosa (Itália) a 7.8.1921, m. em Qalermo a 26.3.1979 aos 57 a. 41 de prof. 30 de sac.

SPINEK Vitor sac. n. em Piotrowice (Polônia) a 23.11.1900, m. em Jaciazek (Polônia) a 5.12.1978 aos 78 a. 52 de prof. 33 de sac.

TARRUEL Caetano sac. n. em Cervera (Espanha) a 6.6.1912, m. em Guayaquil (Equador) a 15.4.1979 aos 67 a. 50 de prof. 41 de sac.

TEKIEN Casimiro coad. n. em Zucielec (Polônia) a 8.1.1911, m. em Sabinowo (Polônia) a 24.10.1978 aos 76 a. 39 de prof.

TRAZZERA Salvador coad. n. em Randazzo (Itália) a 16.11.1913, m. em Palermo a 11.2.1979 aos 65 a. 44 de prof.

TREGGIA Alfredo sac. n. em Vetrana (Itália) a 11.4.1881, m. em La Spezia a 23.4.1979 aos 98 a. 76 de prof. 69 de sac.

VIET Antônio sac. n. em Pfaffschwende (Alemanha) a 14.12.1884, m. em Recife (Brasil) a 9.8.1978 aos 94 a. 69 de prof. 62 de sac.

WOLLASTON Douglas sac. n. em Sittwe (Burma) a 11.12.1902, m. em Shillong (Índia) a 17.1.1979 aos 76 a. 54 de prof. 48 de sac.

5.9 PARA INSERIR NO NECROLÓGIO

Inspetoria de Bangalore Sagrado Coração de Jesus

8 de janeiro

coad. RAUCO Mario † Leonessa (Rieti) — 1979 a 62 a.

12 de janeiro

coad. LUONI Celso † Genova-Sampierdarena — 1979 a 75.

17 de janeiro

sac. WOLLASTON Douglas † a Shillong — 1979 a 76 a.

30 de janeiro

sac. BUSON Luciano † a Shillong — 1979 a 76 a.

1.º de fevereiro

sac. BAQUERO Giuseppe † Villena (Espanha) nel 1979 a 69 a.

2 de fevereiro

sac. BAJUK Antonio † Zagreb (Iugoslávia) nel 1979 a 66 a.

11 de fevereiro

sac. ROUMMAN Spiridione † a Betlemme (Israele) nel 1979 a 94 a.

coad. TRAZZERA Salvatore † a Palemro nel 1979 a 65 a.

16 de fevereiro

sac. FILUSTEK Ladislao † Lima (Peru) nel 1979 a 72 a.

sac. SCHMIDT Michele † Szombathely (Hungria) nel 1979 a 72 a.

17 de fevereiro

sac. PULEO Giuseppe † Pedara (Catânia) nel 1979 a 61 a.

18 de fevereiro

sac. DOMITROVITSCH Stefano † S. Paulo (Brasil) nel 1979 a 72 a.

21 de fevereiro

sac. CABRINI Guglielmo † Ramos Mejia (Argentina) nel 1979 a 87 a.

Isp. per 13 a.

1.º de março

sac. JESTIN Andrea † Angers (França) nel 1979 a 48 a.

3 de março

sac. BARONE Biagio † Sordevolo (Vercelli) nel 1979 a 77 a

10 de março

ch. ROLDAN Guglielmo † Alcoy (Espanha) nel 1979 a 31 a.

12 de março

coad. BRIGATO Giuseppe † Brescia nel 1979 a 67 a.

16 de março

coad. COLL Giuseppe † Barcelona (Espanha) nel 1979 a 68 a.

18 de março

sac. PEREZ Emanuele † Valência (Espanha) nel 1979 a 92 a.

22 de março

coad. CAPECCHI Lorenzo † Genova-Sampierdarena nel 1979 a 67 a.

23 de março

sac. LECOMTE Giulio † Dormans (França) nel 1979 a 68 a.

26 de março

sac. PAGNIO Marcello † Pádua nel 1979 a 52 a.

sac. SINISI Vincenzo † Palermo nel 1979 a 57 a.

28 de março

sac. MOLINA Emanuele † Bahía Blanca (Argentina) nel 1979 a 74 a.

29 de março

sac. GRIGNON Alberto † Caen (França) nel 1979 a 55 a.

1.º de abril

sac. SCOLARO Antonio † Juareté (Brasil) nel 1979 a 43 a.

3 de abril

coad. PRIMO Giuseppe † Luserna (Turim) nel 1979 a 71 a.

8 de abril

sac. DA ROLD Enrico † Loreto (Ancona) nel 1979 a 65 a.

15 de abril

sac. TARRUELL Gaetano † Guayaquil (Equador) nel 1979 a 67 a.

20 de abril

sac. LENDVAY Giulio † Sümeg (Hungria) nel 1979 a 76 a.

21 de abril

sac. MONTI LUIGI † Genova-Quarto nel 1979 a 74 a.

23 de abril

sac. TREGGIA Alfredo † La Spezia nel 1979 a 98 a.

25 de abril

sac. SCAMPINI Giuseppe † Roma nel 1979 a 46 a.

8 de agosto

sac. VIET Antonio † Recife (Brasil) nel 1978 a 94 a.

24 de outubro

coad. TEKIEŃ Casimiro † Sabinowo (Polônia) nel 1978 a 76 a.

30 de outubro

coad. PRIETO Emanuele † Málaga (Espanha) nel 1978 a 88 a.

5 de dezembro

sac. SPRINEK Vittorio † Jaciazek (Polônia) nel 1978 a 78 a.

12 de dezembro

sac. BEJNAROWICZ Giovanni † Szczecin (Polônia) nel 1978 a 37 a.

